Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

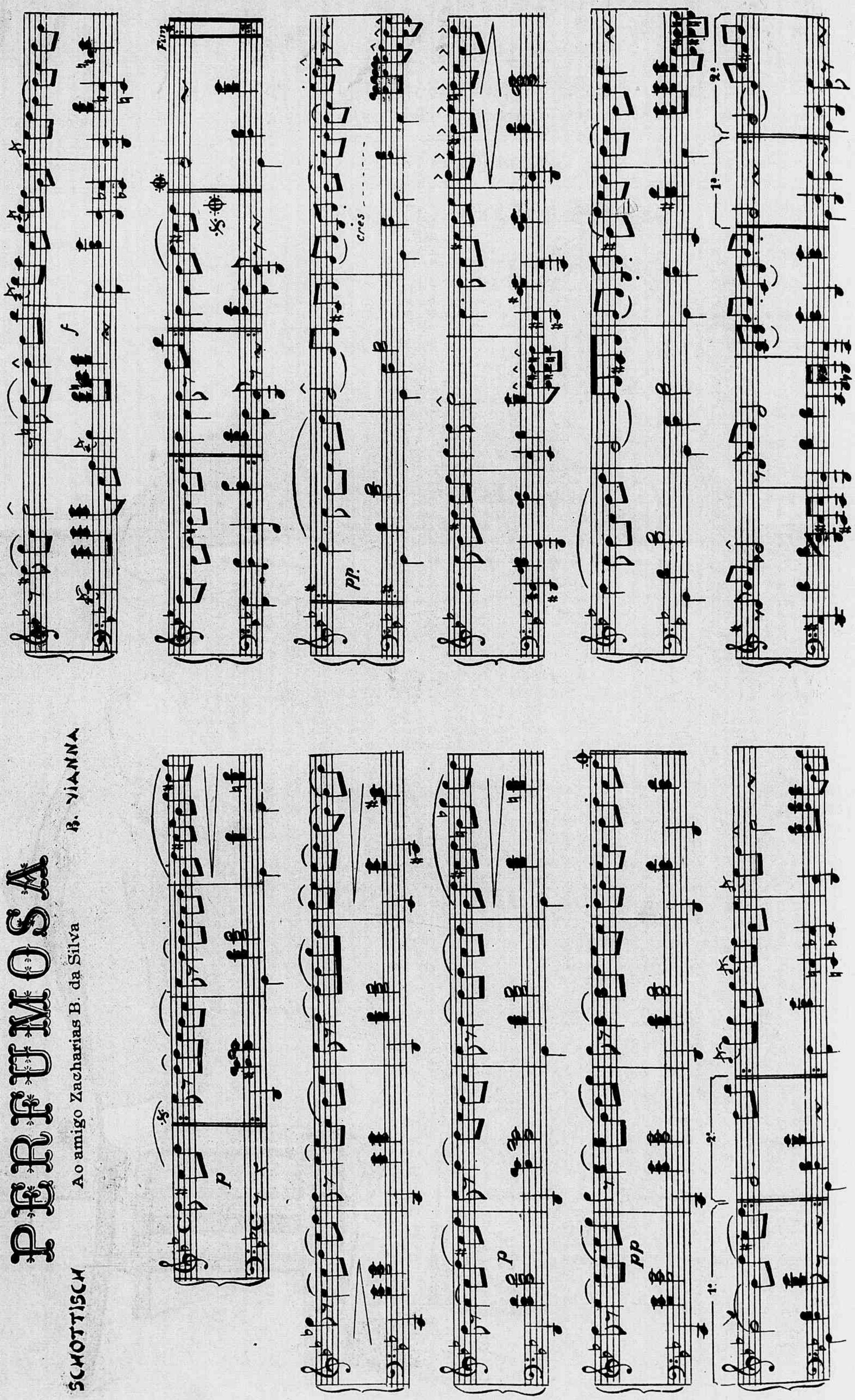
Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director technico, GASPAR DE SOUZA

Anno IV — N. 170 | DOMINGO, 16 DE AGOSTO | Numero: 300 réis

HYPNOTISMO

O Dr. Promessa (Ao Zé) — Vamos, durma, durma bem, que vae ver em sonho as obras do porto..


PERFUMOSA
Ao amigo Zacharias B. da Silva
SCHOTTISCH
B. VIANNA
Fim
cres
pp
p
pp
p
pp
1.
2.

RECREAÇÕES

As soluções dos problemas publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Da charada homographa, *Viola*; da charada brasilica *Casa—Canapsa*; e da charada apheresada, *Coandú—Andú*.

Paladino e Nhazinha, solveram todos os tres problemas; Sylvia, Jupyra, Jurema, Quirininho, Gustavo e Laura, os primeiro e ultimo; Bembem, Idalina, Aracy, Guiomar, Almerinda, Odilla, Granata e Quininha, os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

CHARADA ESMERALDINA *(Jacobino)*

(A' illustre collega Nhazinha)

3 — 5 — **Medidas.**

CHARADA INVERTIDA *(Tupan)*

(Retribuição ao Madrigal)

2—Aqui, a medo, esvoaça,
Nas trevas do isolamento,
Est'ave que, ás vezes, passa
Soltando um triste lamento.

O povo de antigas eras,
Foi nobre, altivo, guerreiro,
Em lutas sangrentas, feras,
Foi sempre o audaz primeiro.

CHARADA APHERISADA *(Tuta)*

(Retribuição ao Durval Pinto)

3 — Eu desço p'ra sepultura,
Sem ter tido nesta vida,
Um olhar de virgem pura,
Florindo illusão querida!...

Andei no mundo em procura
D'uma affeição nobre e fida!...
Só achei falsa ternura
N'uma falla fementida!...

2 — Meu sonho de Amor, formoso,
Pende a fronte, o desditoso,
Qual flor á falta de orvalho!...

Adeus chimeras e sonhos!...
Lá vejo abutres medonhos,
Saltando de galho em galho!...

CORRESPONDENCIA

TUTA, CHIQUITO, TUPAN, BOHEMIO e K. LUNGA. — Recebidos os problemas.

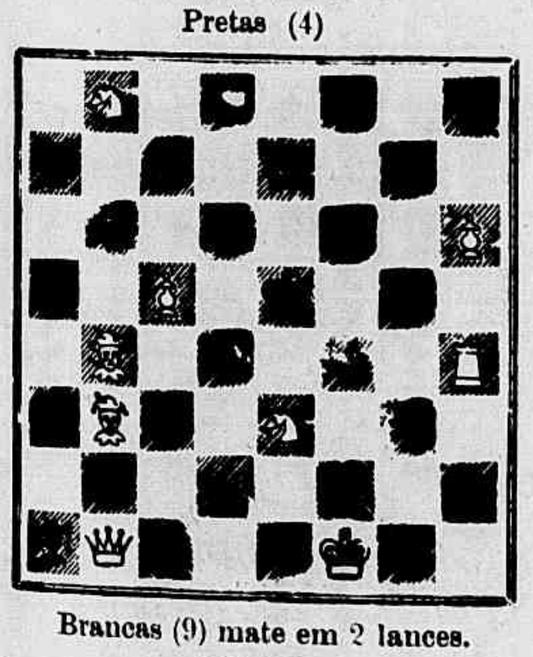
SYLVIO TULLIO. — Acceita a collaboração.

Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 258—A. Souza Campos Junior (Rio)

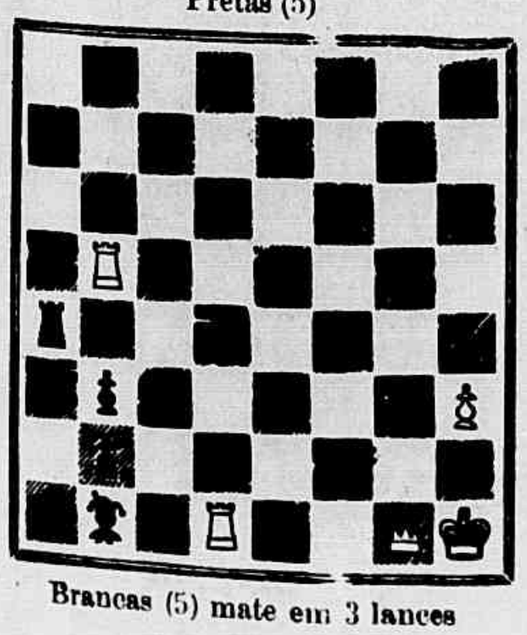
Pretas (4)



Brancas (9) mate em 2 lances.

PROBLEMA N. 259—S. Loyd (E. U.)

Pretas (5)



Brancas (5) mate em 3 lances

SOLUÇÕES

PROBLEMA N. 252 — *(A. Souza Campos Junior)*

1 C 3 C (Inicial) 12 variantes.

PROBLEMA N. 253 — *(Heitor Bastos)*

1 D 7 T, P 4 R; 2 C 3 R x desc etc.
1....., P 3 D; 2 C 2 D x desc etc.
1....., Outra; 2 D × P x etc.

PROBLEMA N. 254 — *(S. Loyd)*

1 D 8 B (Inicial) 4 variantes.

PROBLEMA N. 255 — *(Chocholous)*

1 C 3 D, R × T; 2 D 4 T etc.
1....., P × T; 2 C 2 B x etc.
1....., Outra; 2 T × P x etc.

* * *

Resolvidos pelos srs.: **Theo**, Silvano, Alipio de Oliveira, Julio Barreiros, Octavio Ceva, **Gil**, Salvio, Jotemo, F. Reis, Vedo, C. De Vincenzi, Roberto De Vincenzi, **Dr. W. Hentz**, Muzio e Zut. n. 252: **Anto** e Caïssano; ns. 252 e 254: **M. Lauriano** e **K. R.**

Ao lado de um interessante problema do inimitavel Loyd damos hoje mais um engenhoso trabalho do eximio Souza Campos Junior, enxadrista de primeira força.

Torneio de partidas

Até o dia 10 á tarde achavam-se inscriptos no torneio de xadrez do Club dos Diarios os seguintes amadores: Dr. Antonio Souza Campos Junior, R. S. Quayle, Augusto Sampaio Silva, Heitor Bastos, Dr. Laurindo Pitta, Dr. W. Hentz, Quintino Bocayuva Junior, Dr. Philadelpho de Lima, Dr. Henrique de Oliveira Costa, Dr. Theophilo Torres, Leopoldo de Freitas Noronha, Dr. Godofredo Xavier da Cunha e S. Rambo.

A Commissão do torneio é composta dos srs.: Conde de Figueiredo, Harold Hime e Antonio Luiz dos Santos.

O torneio começará neste domingo á 1 hora da tarde, devendo nessa occasião ser estabelecido pela Commissão o programma para a realização das partidas, bem como, accentuadas as condições do torneio.

CORRESPONDENCIA

Pequitita—Agradecendo a delicada missiva de despedidas, fazemos votos para que a viagem que vae emprehender, lhe proporcione todos os encantos e as venturas que lhe achamos merecedora. Contamos que ao regressar, continue a distinguir esta columna com a sua prestimosa collaboração.

Anto. K. R. Petroff, M. Lauriano, e *Caissano* — Queiram verificar as seguintes defesas para as soluções apontadas em suas missivas: problema n. 252 (M. L.) si C 3 B D, P 4 C; (Petr.) si T × B, P × C. Problema n. 253 (K. R.) si D 7 B, R 4 B etc; (Ant.) si R × P, R 5 R etc. (M. L.) si D 8 C, R 4 B etc, (Petr.) si D 4 C, P 4 B etc. Problema n. 255 (M. L. e Caiss.) si D 8 B, P × C etc. (Petroff) si T 3 D, P × C etc.

Cremos ter assim claramente designado as respostas aos lances propostos pelos nossos gentis correspondentes, ficando todavia á sua disposição outros esclarecimentos sobre a continuação dessas jogadas.

Heibas.

— Mas, como escapou da erysipela?
— Com o preservativo do dr. Siqueira Cavalcanti. E' remedio poderosissimo! Depositarios: drogarias Mallet, Quitanda 35 e Gonçalves Dias 30

EGZEMA NA FRONTE

Causou surpresa ao distincto dr. Rego Monteiro, clinico nesta capital, com escriptorio á rua Sete de Setembro n. 38, a cura operada pelo **Licor de Tayuyá** de S. João da Barra, no sr. Guarany Rodrigues de Carvalho, morador á rua Marqueza de Santos (Cattete) e que soffria ha tempos de um *vastissimo eczema que se estendia da fronte á parte superior do pescoço, comprehendendo o couro cabelludo e uma orelha.*

DIGESTIVO MORJHRRIETH

E' efficaz em todas as molestias do estomago, e o uso de tres a seis vidros será o sufficiente ao tratamento das enxaquecas. Não é panacéa.

DEPOSITARIOS NO BRASIL

SILVA ARAUJO & C.

RIO DE JANEIRO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO

3 e 5

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Capital . . . 1.000:000$000

Deposito no Thesouro Federal 200:000$

Capital realizado convertido em apolices federaes do valor de um conto de réis cada uma

300:000$000

Telephone n. 847

LLOYD AMERICANO

Tem agencias em todas as principaes cidades maritimas da União e em muitas do interior dos Estados. Tem representantes nas principaes cidades maritimas da Europa, America do Norte e Rio da Prata.

Endereço telegraphico—AMERICANO

Caixa postal n. 255

Séde Social: RIO DE JANEIRO

43

RUA PRIMEIRO DE MARÇO

2º ANDAR

Cabeças de prégo
Brotoejas
Comichões
Manchas

O mais salutar e o mais economico de todos os sabões antisceptícos e para toilette, é sem contestação o sabonete

THYMO-BORICO
SILVA ARAUJO

(PERFUME NATURAL DO THYPNOL)

SILVA ARAUJO & C.,
no Rio de Janeiro, á
Rua Primeiro de Março ns. 1 e 3

SIDONAL CARVALHO

Quinato de piperasina, granulado-effervescente. Approvado pela Directoria Geral de Saude Publica. Medicamento o mais poderoso em todas as manifestações do arthritismo. Recommendado pelos mais notaveis clinicos desta Capital e dos Estados, os quaes attestam a sua efficacia nos casos de: Rheumatismo, gotta, dermatozes inflammatorias, eczemas, darthros, arterio-sclerose, colicas nephriticas e hepaticas, diathese urica, arêas, calculos biliares e visicaes, inflammações dos rins e da bexiga, etc. Preço de um vidro 5$000. A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brazil. Fabricantes e depositarios. Premiado nas Exposições Universal de Chicago (1892) Scientifica do Rio de Janeiro (1884) e com o 1º premio (DIPLOMA DE HONRA) na Exposição Artistico-Industrial Fluminense de 1900. **Alfredo de Carvalho & C.** 8, Rua Primeiro de Março, 8. Rio de Janeiro.

COQUELUCHE

PORTENTOSA DESCOBERTA

Assim se exprime o illustre clinico de Sapé do Ubá, o dr. Saverio Massi Benedetti, fallando do especifico contra a coqueluche, descoberto por Genofre e que cura de 8 a 20 dias.

Encontra-se na rua de S. João n. 160, S. Paulo.

3 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 3

RIO DE JANEIRO

INJECÇÃO DE GLYCERINA
CURA
AS BLENORRHAGIAS

(Gonorrhéas) antigas ou recentes com uma rapidez admiravel. Em todas as pharmacias e drogarias.

PHARMACIA

ABREU SOBRINHO & C.

72

LARGO DA LAPA

VIDRO 3$000

LOTERIAS DA CANDELARIA

Em beneficio do
Recolhimento de Nossa Senhora da Piedade
Sob a immediata responsabilidade da mesma Irmandade, decretos municipaes ns. 543, de 7 de maio de 1898 e 779, de 3 de novembro de 1900

Extracção pelo systema de urnas e espheras
onde são sorteados todos os premios

88, Rua dos Ourives, 88

BREVEMENTE

PREMIO MAIOR

20:000$000

Dá-se vantajosa commissão aos agentes do interior e dos Estados.

Acceitam-se encommendas de numeros certos para todas as loterias.
Os pedidos de bilhetes devem ser dirigidos á caixa do Correio n. 754.

O agente geral,
JOAQUIM JOSE' DO ROSARIO.

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

16 RUA DO HOSPICIO 16

COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Séde: CAPITAL FEDERAL

RUA NOVA DO OUVIDOR NS. 29 e 29 A

Caixa do Correio n. 41 — Endereço telegraphico — LOTERIAS

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções á rua de S. José n. 92

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

103 — 10ª

Sabbado 5 de Setembro proximo

A'S 3 HORAS A'S 3 HORAS

200:000$000

Inteiros 15$000—Meios 7$500—Vigesimos $750

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de CAMÕES & C., becco das Cancellas n. 2-A, endereço telegraphico «PEKIN», caixa do correio n. 946, e Luiz Velloso & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico «LUSVEL», caixa do Correio n. 817, as quaes só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das Loterias da Capital Federal e encarregam-se de quaesquer pedidos— rogando-se a maior clareza nas direcções.

Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

LOTERIA ESPERANÇA

EM 12 DE OUTUBRO

Grande Loteria Commemorativa do Descobrimento da America

50:000$000

Bilhete inteiro 3$, meio 1$500, quarto 750 réis, vigesimo 150 rs.
Nestes preços já está incluido o sello do imposto de consumo.
Para informações, prospectos e listas geraes, com a Companhia Nacional de Loterias dos Estados.

CAIXA DO CORREIO 1.052

MOLESTIAS DO PEITO

Tosse, asthma, coqueluche e bronchite

CURAM-SE COM O

XAROPE DE GRINDELIA

Oliveira Junior

NO RIO DE JANEIRO

Oliveira Junior & C.
CATTETE 231

Araujo Freitas & C.
OURIVES 114

Aos doentes do figado e baço

Vinho de Jurubeba Composto, de Rebello & Granjo, é o medicamento indicado para curar rapidamente taes enfermidades, pois que tonifica e restaura as forças do orgão affectado, regularisa as dejecções e promove o appetite aos doentes.—Encontra-se á rua Primeiro de Março n. 40 B, esquina da de S. Pedro—Pharmacia Rebello & Granjo.—Rio de Janeiro, fabrica, e em S. Paulo —Na drogaria

BARUEL & C.

LU GO LA NA

do dr. Eduardo França

Adoptada até na Europa

Maravilhoso remedio, sem gordura e sem máo cheiro, cura efficaz das molestias da pelle, feridas, frieiras e suor fétido dos pés e dos sovacos, comichões, assaduras do calor, empigens, brotoejas, sarnas, sardas, manchas da pelle, pannos, espinhas, tinha, mordedura de insectos, queimaduras, contusões, golpes; faz a pelle fina.

Em injecções cura as GONORRHÉAS, etc.

Preço 3$000

Depositarios no Brasil
Araujo Freitas & Comp.
114 RUA DOS OURIVES
e 90
Rua S. Pedro

Na Europa
CARLO ERBA
MILÃO

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

RIO DE JANEIRO

ESTA REVISTA E' IMPRESSA COM AS TINTAS CH. LORILLEUX & COMP.

Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director technico, GASPAR DE SOUZA

Anno IV — N. 170 | DOMINGO, 16 DE AGOSTO | Numero: 300 réis

O BOM REITOR

O velho soltou uma gargalhada tão desenvolta, que a cadeira em que estava sentado por pouco não o atirou no meio da sala. Parecia não poder calar o riso depois que o moço, que a seu lado palestrava, proferiu o *ultimatum* da conversa.

— Ora ahi está. O Sr. Reitor achou immensa graça no que eu acabo de dizer, e, entretanto, é uma das maiores verdades que tenho proferido.

— Não! Lá isso é que não. Tem paciencia. Não podes e não deves dizer semelhante cousa; respondeu o Reitor, dando a feição um aspecto de inteira seriedade. Já passou o *chiste* da phrase; agora, concluiu elle abrindo a caixa de rapé, o negocio é serio e de responsabilidade. Podes gracejar, mas não digas o que disseste, e que tanta hilaridade me provocou, rematando por ser uma das maiores verdades que tens proferido.

— Então o Sr. Reitor, pela primeira vez, põe em duvida a minha palavra? perguntou o moço um tanto molestado.

— Entendamo-nos. Eu não ponho em duvida a tua palavra, porque a tua convicção está apadrinhada pela illusão apropriada á tua edade. Estás a me enganar porque estás enganado; mas, o que é verdade, é que diante dos teus vinte annos apparece o protesto dos meus setenta Janeiros.

— Mas...

— Não ha mas nem meio mas. Fechaste o nosso dialogo affirmando contares entre os teus conhecidos uns dez ou quinze amigos verdadeiros, sinceros, leaes, capazes de todos os sacrificios a teu favor.

— Perfeitamente. Foi isso mesmo o que eu disse.

— Pois meu bom Renato, fica certo, certissimo, e se fosse possivel dizer, muito certissimo, que tu não tens um só amigo neste mundo.

— O que, Sr. Reitor? perguntou apressadamente o moço, afastando da testa o lenço com que enxugava o suor, nem um amigo eu tenho?

— Vá lá, respondeu o Reitor sorrindo e dando ás suas palavras um tom mais demorado. Tens um amigo, mas não desses dez ou quinze que formam a tua collecção.

— Estou pasmo, confesso. Nunca pensei que a quarta-feira de hoje me désse tão grande decepção!

— Olha, meu rapaz, explica-me o que vem a ser um amigo. Vê lá, não me venhas com alguma definição banal. Quero a interpretação do termo com segurança e inteira clareza. Nada de resposta barata.

— Um amigo, Sr. Reitor, na minha opinião é... é... é... é um bom camarada, concluiu o moço meio desconfiado e fitando o Reitor.

— E' um bom camarada! bem, aqui temos, disse o velho a sorrir. E o que vem a ser um bom camarada?

— E' um amigo.

— Sim senhor, sim senhor. Está bem respondido. E' assim mesmo. Como que parece até um calculo mathematico, hein? E' só collocar o signal de egualdade.

— Mas estarei em erro, Sr. Reitor?

— Lá isso estás. E o que é mais, desde o começo da nossa palestra. Olha meu rapaz, deixa explicar-te: um amigo é uma planta rarissima que brota no coração do homem, perfuma-lhe a alma, adormece-lhe o cerebro escaldado e tem a particularidade de não envelhecer jamais as suas folhas; devem estar sempre viçosas.

Regata do Campeonato — Pavilhão do Conselho Superior de Regatas.

Um amigo, meu rapaz, faz lembrar uma candeia que vae adiante do caminhante, mostrando a estrada para que elle não tropece, ou não se perca em meio de aggressões inopinadas. Um amigo, meu Renato, é o consolo das lagrimas, o conforto de um'alma fatigada, um cofre que recebe e guarda o desabafo de um peito atormentado. Fica ainda sabendo, um amigo é a bonança em meio dos temporaes da vida. Um amigo equivale a uma pagina de livro onde, em cada palavra, se destaca um esperança de paz e em cada syllaba um fragmento de fé.

O amigo, repares bem no que eu estou a dizer, deve ter sempre os labios puros para fallar diante das lagrimas do seu semelhante.

Emfim, se eu me dispuzesse a descrever o que é e o que vale um amigo, certamente os teus livros de estudo ficariam fechados durante a semana inteira, e eu não me levantaria desta cadeira senão na outra lua nova que deve succeder a em que nós estamos.

E não dizes nem uma palavra, hein? concluiu o bom Reitor, batendo no tampo da caixa e em attitude de sorver nova pitada.

— Nem uma palavra, diz o Sr. Reitor, respondeu o Renato; pois fique certo de que depois disso tudo quanto me disse, estou seguro de que não ha pessoa alguma nessas condições e, portanto, não ha um só amigo neste mundo de Deus.

— Puro engano. Ha quem reuna todos esses predicados e sem duvida é um amigo, verdadeiro.

— Diga, Sr. Reitor, diga depressa, quem é esse homem e onde está?

— E' o nosso pae, rapaz, é aquelle a quem procuramos sempre, e em meio de um respeito gracioso tomamos da mão e a levamos aos labios. Esse é o unico, o maior, o verdadeiro, o sincero amigo de que dispomos nas nossas alegrias, nas nossas tristezas, na bonança da vida, nos temporaes da existencia. Mas... concluiu o Reitor, observando os olhos do moço, estás a chorar?

— E nem posso deixar de fazel-o, respondeu Renato.

— Porque?

— Porque agora fico sabendo que não tenho nem um amigo neste mundo!

— Perque és orphão, já sei.

— Sem duvida.

— E afinal, replicou o velho Reitor, o que tenho eu sido para ti? Ora dize lá com a consciencia aberta.

— Um verdadeiro pae, Sr. Reitor, um digno pae, sem duvida.

— Logo... interrompeu o velho com a voz um pouco tremula.

— E' o meu melhor e unico amigo, concluiu o moço estreitando entre os seus braços o seu velho pae adoptivo.

— Pois está visto, não é outra cousa, retorquiu o Reitor, correspondendo ao abraço do seu filho querido. E eu tambem, oh! que de annos já lá vão em que eu beijava a mão do meu santo e venerado pae! disse elle com funda tristeza.

Regata do Campeonato — Club de Natação e Regatas — Grupo de convidados a bordo da barca *Segunda*.

.....

No dia seguinte, ao da tarde em que se deu este dialogo, o moço Renato junto a um dos seus collegas, ouviu o bedel do collegio dizer em voz alta e em hora de recreio.

— Sr. Epaminondas, aqui está uma carta de seu pae.

— Do teu melhor e unico amigo, atalhou o Renato.

— Ora, tenho tantos, replicou o collega dirigindo-se ao bedel.

Renato, mais uma vez, lembrou-se que era orphão e levou o pensamento até encontrar-se com a imagem do Reitor que, com certeza, estava áquella hora no seu gabinete de repouso orando a Deus pelos infelizes que não tenhem pae!

Julio Peixoto.

CHRONICA

Nossa Senhora da Gloria!

Todo um passado e todo o futuro essas quatro palavras encerram. Para os velhos para os que já têm neve nos cabellos e sulcos nas faces, Nossa Senhora da Gloria evoca tempos ditosos que para traz ficaram e agora apenas se vêm, indecisos, vagos, envoltos numa neblina de saudade.

Esse nome desperta nesses recordações dulcissimas: dias de vivo sol no céo e nos corações, em que palmilharam a ladeira do Outeiro, alegremente, em demanda da ermida branca lá ao alto poisada e—quiçá—de uns olhos negros que dentro do templo regorgitante deviam estar brilhando mais que as luzes dos altares. N. S. da Gloria relembra uma noite de luminarias; cá embaixo no largo—hoje um lindo jardim—barraquinhas bizarras com muito e muito alegre povo á roda, um borborinho de colmeia activo, um acotovellamento com esbarros felizes, com ditosos encontrões, talvez um segredinho, uma palavrinha murmurada no aperto, um aviso, uma declaração, quem sabe, até se uma cartinha passada num rapido e furtivo aperto de mão?!

Festa da Gloria, a festa querida, a grande festa verdadeiramente nacional, quantos não estarão hoje evocando quinzes de agosto já idos, com suspiros fundos, saudosos, melancolicos?

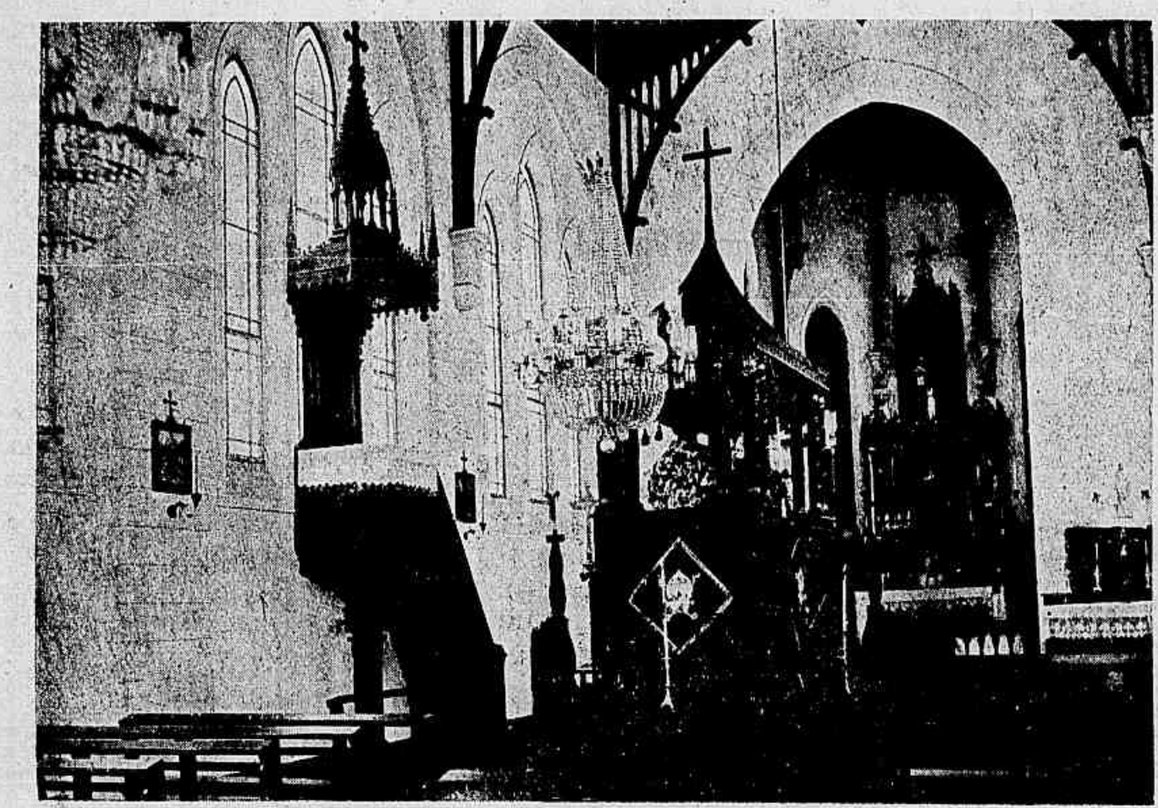
Isso os que têm prata nos cabellos e rugas nos corações.

Aos moços, não interessa menos o dia de hoje, que é o dia da Senhora da Gloria e a gloria é o sonho da mocidade, a ambição suprema dos de sangue ardente e novo.

A Gloria! Por ella quanta luta, quanto heroismo, quanto sacrificio, quanto soffrimento, resignadamente soffridos. Quem é que dá coragem ao artista incomprehendido, ao sonhador chasqueado pela ignorancia, ao bohemio descuidoso, ao scientista grave, ao austero investigador, ao soldado bravo, ao marujo destimido, ao crente fervoroso, a toda a gente emfim, se não a gloria cujo sorriso — ai! tão difficil de alcançar! — deslumbra, fascina, embriaga. Quantos, por lhe merecer um beijo dos labios formosissimos não têm dado, não darão sangue e vida?

Pois ao Gloria, todas as glorias, as do mundo vario, que os homens concedem, ou a do Céo que só Deus distribue, todas as glorias, a Senhora da Gloria as resume em si, na sua figura meiga e suave, no seu olhar protector e bemdito que, hoje, dia seu, da sua festa, ha de estar refulgindo entre as flores perfumadas do seu lindo altar, na Egrejinha branca do redondo Outeiro cuja falda o mar lambe, cujo dorso o sol beija...

José Vario.



Capella da Cascatinha — Exequias de S. S. Leão XIII — O catafalco

VIRGINIA E PAULO

Por detraz das grades de um bello jardim de internato, soam dez horas ao longe. Noite de Abril, clara, azul, profunda. As estrellas parecem de prata; a brisa enfraquecida perpassa sobre as rosas; as folhas rumorejam; o repuxo cae como uma renda de neve no extremo da alameda de acacias.

Em meio do profundo silencio um rouxinol, alma da noite, faz scintillar um chuveiro de notas magicas.

Amastes algum dia uma rapariga quando, aos dezeseis annos, estaveis envolto em illusões? Lembrae-vos de uma luva esquecida num caramanchão, sobre uma cadeira? Experimentastes a perturbação causada por uma presença inesperada, subita? Sentistes as faces arderem, quando, nas ferias, vossos paes se riam da vossa timidez, um junto ao outro? Conhecestes a infinda suavidade de dous olhos puros que vos examinam com pensativa ternura? Roçastes, com os labios, os labios de uma criança timida e pallida, cujo seio batia de encontro ao vosso coração oppresso de alegria?

Guardastes, no fundo do relicario as florzinhas azues, colhidas á noite, na margem do ribeiro, de volta do passeio?

Mesmo escondida no fundo do coração pelos annos de ausencia, uma tal lembrança é como uma gota de essencia do Oriente, contida em frasco precioso. Essa gota de balsamo é tão fina, tão forte, que se atirassem o frasco no tumulo, o seu perfume duraria mais que a nossa poeira e seria quasi immortal.

Oh! se existe alguma coisa adoravel é esta: respirar, ainda uma vez, por uma noite de solidão, o adeus d'esta lembrança encantadora.

Eis a hora do silencio; pararam os ruidos do trabalho; meus passos levaram-me até aqui, ao acaso.

Este edificio foi outr'ora, uma abbadia. Um raio de luar illumina-lhe a escadaria, por detraz da grade, e mostra os velhos santos esculpidos, que fizeram milagres e, sem duvida, roçaram com a fronte piedosa, em rezas ardentes, aquelle humilde lagedo. Aqui o passo dos cavalheiros da Bretanha resoou outr'ora quando o Inglez dominava ainda as nossas cidades anjovinas. — Agora, verdes e alegres venezianas rejuvenescem as pedras sombrias das janellas e muros. A abbadia tornou-se um internato de raparigas. De dia, ellas ali devem chilrear como passaros sobre uma ruina. Entre as que se acham adormecidas, muitas haverá que despertaram no coração de algum joven adolescente a grande impressão sagrada e talvez mesmo que...—Silencio! fallaram! Uma voz suavissima acaba de chamar (muito baixinho): «Paulo!... Paulo!» Um vestido de musselina branca, um cinto azul, esvoaçaram, um instante, junto áquella pilastra. Uma rapariga, ás vezes, parece uma apparição. Esta agora desceu. E' uma dellas: reconheço a *pelerine* do internato e a cruz de prata que trazem ao pescoço.

Distingo o seu rosto. A noite funde-se com os seus traços envoltos em poesia! Oh, a cabelleira loura de uma mocidade ainda visinha da infancia! Oh, o azul do olhar, tão pallido, que parece ainda pertencer ao ether primitivo!

Mas quem é este joven que se esgueira por entre as arvores?

Vae tão apressado; já attingiu a pilastra da grade.

— Virginia! Virginia! sou eu.

— Oh! falla mais baixo, estou aqui, Paulo!

Ambos têm quinze annos!

E' o seu primeiro encontro! E' uma pagina do idyllio eterno!

Como devem estar tremulos de alegria, ambos! Salve, innocencia divina! lembrança! flores resuscitadas!

— Paulo! meu querido primo!

— Dá-me a tua mão através da grade, Virginia. Oh! como és bella! Toma, é um ramalhete, que colhi nos jardins de papae. Não vale dinheiro, mas é de coração que t'o offereço.

— Obrigada, Paulo. Mas como estás cançado, como correste!

Ah! é que papae fez hoje um negocio, um esplendido negocio! Comprou um pequeno bosque por metade do preço. Pertencia a uma familia arruinada; foi uma esplendida acquisição. E, como elle estivesse contente da sua compra, fiquei um momento a fazer-lhe companhia, afim de que me désse algum dinheiro; depois, corri, entendes, para não chegar atrazado.

— Daqui a tres annos estaremos casados, Paulo, se passares bem os teus exames!

— Sim, vou ser advogado. Quando se é advogado espera-se alguns mezes para ser conhecido, depois ganha-se tambem algum dinheiro.

— A's vezes muito dinheiro, mesmo!

— E' verdade... Está satisfeita no internato, minha prima?

— Oh! sim, Paulo. Especialmente depois que Mme. Pannier augmentou o seu estabelecimento. Antes não se estava bem aqui, porém agora, temos as filhas dos castellões da visinhança. Eu sou amiga de todas ellas. Oh! tem tanta coisa bonita! Então depois que ellas para cá vieram estamos muito melhor, porque Mme. Pannier póde gastar mais algum dinheiro.

— Comtudo, estes muros seculares... Isto aqui não deve ser muito alegre.

— E' alegre, sim, a gente habitua-se; é não olhar para os muros. Mas, agora me lembro, foste visitar nossa boa tia, Paulo? Daqui a seis dias é a sua festa, deves escrever-lhe um *comprimento*. E' tão boa!

— A fallar verdade não gosto muito della! Deu-me, outro dia, uns velhos doces de sobremesa, em vez de um bom presente: uma bolsa de prata, por exemplo, algumas moedas para guardar no meu cofresinho.

— Paulo, Paulo, não fica bem fallares assim. Deves querer-lhe bem, procurar agradar-lhe. E' tão velha e deve deixar-nos tambem algum dinheiro...

— E' verdade. Oh! Virginia, ouves aquelle rouxinol?

— Paulo, toma cautela! Não me trates por tu quando não estivermos sosinhos.

— Não nos devemos casar, minha prima? De resto, terei attenção. Mas

Excursão do sr. dr. Pereira Passos, prefeito municipal, á Inhauma no dia 2 do corrente; s. exa. e comitiva no pateo do palacete do Engenho da Rainha

BATALHA DE FLORES

Premio ao vencedor, offerecido pelo *Club dos Diarios*.

Estudo photographico (Rud. Gold. Phot. amador)

como é bonito o rouxinol!! Que voz pura e argentina!

— Sim, é muito bonito, mas não deixa a gente dormir. Que ar suave; que bella noite; a lua, côr de prata, é linda.

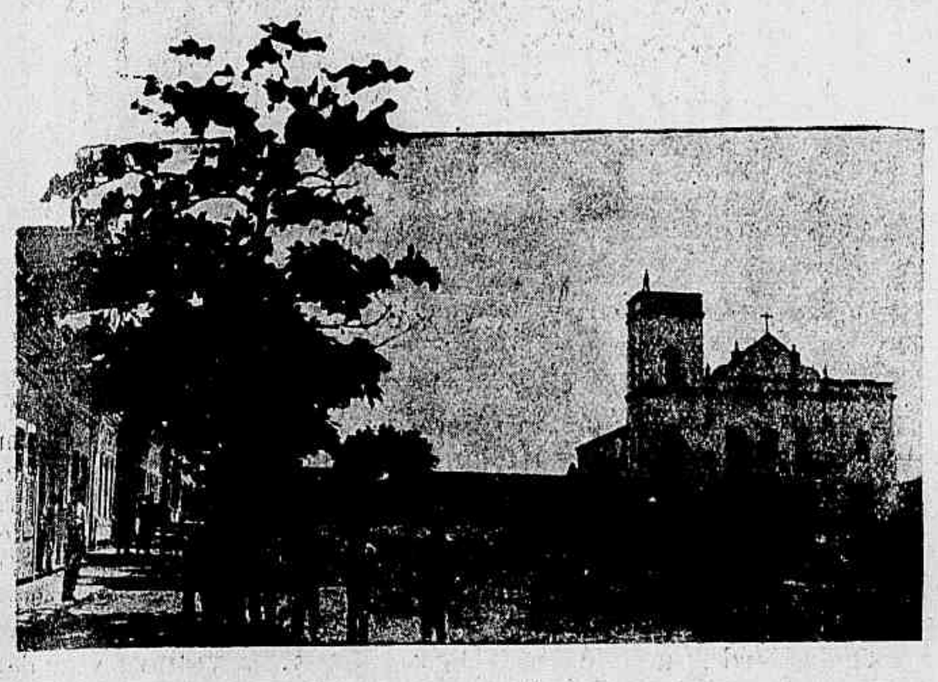
— Bem sabia eu que gostavas de poesia, minha prima.

— Oh! sim! a Poesia!... estou estudando piano, sabes?

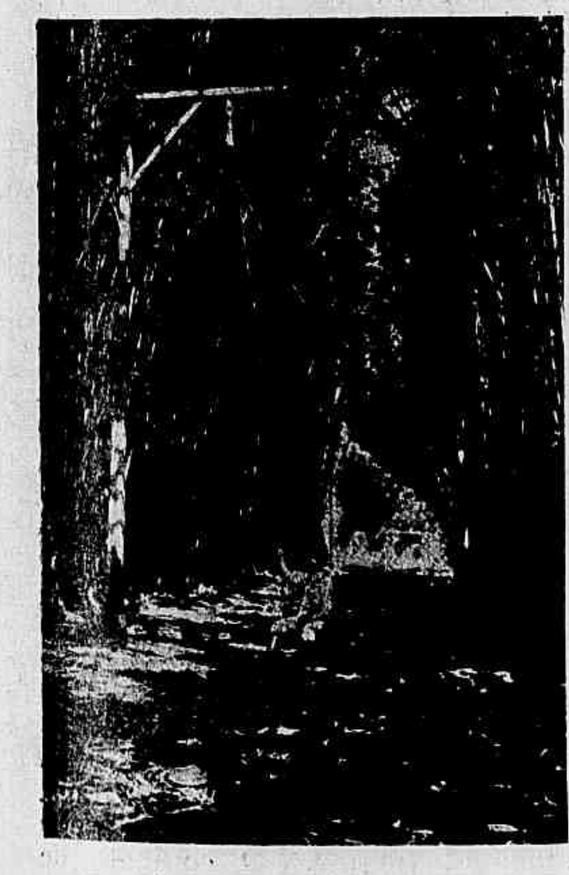
— Aprendi muitos versos de cór no collegio para t'os recitar, minha prima; já sei quasi todo Boileau. Se quizeres iremos sempre passear ao campo, quando formos casados, queres?

— Pois não, Paulo! De resto, mamãe deve dar-me de dote uma casinha de campo, onde tem uma fazendola: podemos passar o verão alli. Augmentaremos a propriedade pouco a pouco, se fôr possivel. A fazendola rende algum dinheiro.

— Ah! tanto melhor. E depois vive-se muito mais barato no campo que na cidade, com muito menos dinheiro. Meus paes já me disseram isto. Eu gosto de caçar, comeremos muita caça. Com a caça economisa-se tambem algum dinheiro!



Rio Grande do Norte—Mossoró—Praça da Matriz. (Phot. Oliveira)



S Paulo—S. João da Boa Vista—Avenida dos Bambús na fazenda do sr. Joaquim J. de Oliveira.

— Depois,—é o campo, meu Paulo! Eu gosto de tudo que é poetico!

— Ouço barulho, lá em cima, nem?

— Espera! devo ir-me embora; Mme. Pannier póde acordar. Adeus, Paulo.

— Virginia, ver-te-ei em casa de minha tia, daqui a seis dias? Vaes lá jantar?... Tenho receio tambem que papae descubra a minha fuga, não me daria mais dinheiro. Tua mão, depressa.

Emquanto escutava, extasiado, o celeste ruido de um beijo, os dous anjinhos haviam fugido; e o echo das ruinas repetia, vagamente:... « Dinheiro! Algum dinheiro! »

Oh! mocidade, primavera da vida! Sede bemditas, crianças, em vosso extasis! Vós, cuja alma é simples como a flor; vós, cujas palavras evocam outras reminiscencias *quasi eguaes* a este primeiro encontro, fazeis verter lagrimas felizes a um viandante.

Villiers de l'Isle-Adam.

MÁO QUARTO DE HORA

Quando abri os olhos senti um deslumbramento.

Havia de ser a luz clara da manhã, a luz radiosa do sol que me feria a retina, exposta bruscamente á claridade. Cerrei de novo os olhos que fui entreabrindo aos poucos até costumal os á radiação da luz solar.

Mas, quando pude abril-os de todo, tomei-me de espanto! Não fôra a luz do sol que impressionara-me a retina: eu tinha deixado accesa a vela, cousa que nunca me acontecera por ter um medo singular de incendios. Outra cousa singular: eu tenho o habito de collocar a vela sobre um caixote, digo, criado mudo ao lado da cabeceira do leito; no entretanto a vela que eu então via estava sobre a cama, junto a meus pés. Puz-me a parafuzar sobre o caso.

Quando foi que me levantei? Teria mudado os travesseiros para os pés? E uma enfiada de interrogações surgiu ao meu espirito pesado por um somno de longas horas.

Afinal dissuadi-me de decifrar o enigma e corri os olhos ao longo das paredes do meu pobre quarto de rapaz solteiro.

O espanto que então experimentei não sei como descrevel-o!

A cal branca, immaculada, das paredes de meu pobre quarto tinha sido substituida por pannos pretos, crepe, que desciam enrugados e salpicados de tachas amarellas, do forro ao soalho.

Circumvaguei um olhar: tudo negro, sinistro, funebre, ao redor de mim! Não havia duvida, eu estava em uma camara ardente.

Mas ahi surgiu-me uma outra interrogação inquietadora, terrifica, pavorosa: Quem teria morrido? E outras: porque puzeram o morto no meu quarto? Porque não me acordaram?

Tive vontade de levantar-me e, quando firmei os cotovellos para sentar-me na cama, senti que elles se não apoiavam sobre o meu sovado colchão, mas sobre taboa dura...

E deixei-me ficar deitado, abstracto, preso de um pavor torturante; sobre aquellas taboas, as juntas sem agilidade, o pescoço duro, entesedo, immovel.

Um suor frio enregelou-me os membros.

O meu terror chegou ao auge quando, olhando para o outro lado, vi um outro castiçal com uma vela que, só então, percebi ser de cêra, com filetes compridos e uma luz fumarenta e mortiça.

Coronel Placido de Castro, commandante em chefe das forças acreanas.

Nisto uma mosca impertinente pousou-me no nariz onde, irreverente, com certeza praticou algum acto descortez.

Quiz enxotal-a porque os seus passeios pelo meu appendice nasal e adjacencias, causavam-me á pelle um prurido incommodo e irritante.

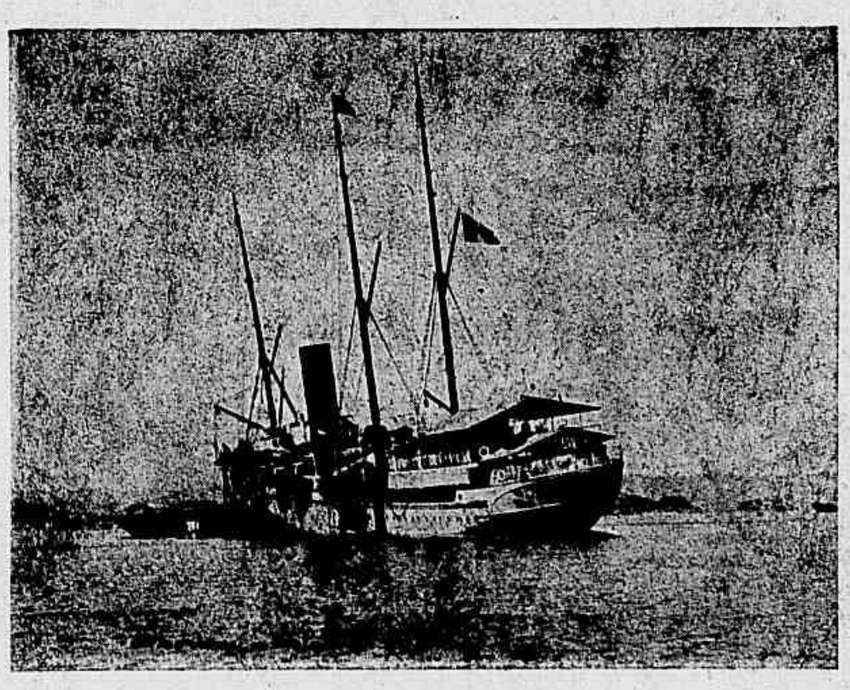
Tentei embalde tirar uma das mãos que eu tinha cruzadas sobre o estomago.

Estavam amarradas!

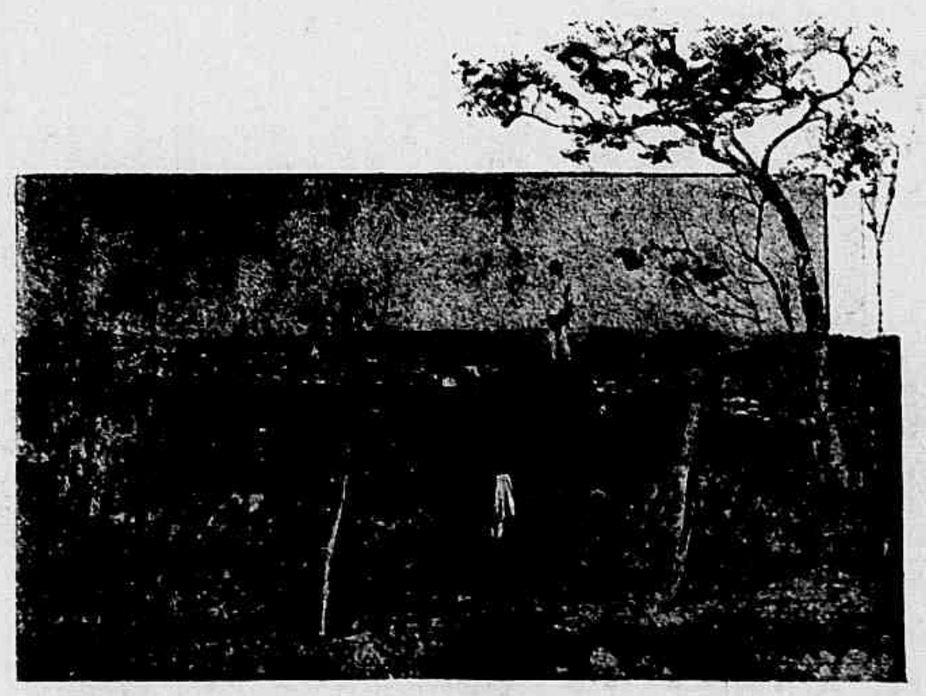
Não podia mais restar-me duvida alguma! Eu tinha morrido! Era eu! era eu! Aquella mosca foi a chave do enigma! E uma saudade pungente da vida, dos meus amigos, das minhas patuscadas, invadiu-me!

Eu estava morto!

Aquellas velas, aquelles crepes, aquelle apparato funebre era por minha causa!



O vapor francez *Espagne* que encalhou sobre as Feiticeiras



S. Paulo — Vista geral da cidade de S. João da Boa Vista

Puz-me a philosophar sobre a insignificancia do fio que nos prende a essa existencia sublunar.

Com o que então para se morrer basta estar vivo? Não ha duvida. Pois eu hontem cheio de vida e saude hoje ali estava de costas sobre aquellas taboas duras, immovel, rijo, morto!

De repente, ouço uma voz bem junto de mim:

— Coitado do Sylvio!

Era a voz de um dos meus amigos que lamentava a minha juventude, que ia ser enterrada em sete palmos de terra.

Afinal depois de reluctar um pouco acceitei o facto consummado.

Que remedio! Estava morto.

A vida tambem ia se tornando uma carga muito pesada.

Dissabores, contrariedades; difficuldades, crise e principalmente pobreza!

Pobreza!

Um homem viver a trabalhar a vida inteira só porque é pobre!

Finalmente eu estava livre dessa grande espiga—a falta de dinheiro.

Estava morto; deixava este mundo sem muito pezar e até com alguma satisfação.

Ao lembrar-me, porém, dos meus parentes e amigos senti alfinetar-me outra vez a nostalgia da vida.

Estavam todos ali, fazendo-me quarto.

Sentados em cadeiras ao longo das paredes, uns verdadeiramente compungidos, outros fingidamente tristes e outros nem fingidamente.

Em um dos cantos, em redor de uma mesinha, estavam tres ou quatro fazendo as honras a uma garrafa de vinho do Porto.

A's vezes um soluço abafado chegava até aos meus ouvidos.

E vinha-me tambem vontade de chorar.

Queria parecer-me que eu não estava morto, que estava sonhando.

E ainda embalava-me essa illusão quando entrou um com o caixão.

Um caixão comprido, de velludo preto com galão amarello, seis alças. A' vista d'aquelle caixão fugiu-me toda a esperança: estava morto e bem morto.

Veiu-me então á idéa dar um balanço geral ás minhas acções, uma vez que tinha de comparecer ante o Juiz Supremo.

O resultado desse exame de consciencia foi satisfactorio, consolou-me.

Se não tinha feito grande bem em compensação não me lembrava de ter feito mal a ninguem.

N'isto duas pessoas agarraram-me pelos pés e cabeça e lá fui eu para o caixão. Fecharam-n'o e seis dos meus amigos pegaram nas alças.

Uma observação em tempo os amigos para enterrarem a gente desenvolvem uma solicitude a toda a prova: todos fazem questão de carregar o caixão. Fecho o parenthesis. Salto por cima da scena pathetica á sahida do caixão.

Abalaram-me por tal fórma os nervos que sinto-me sem coragem de rememoral-a.

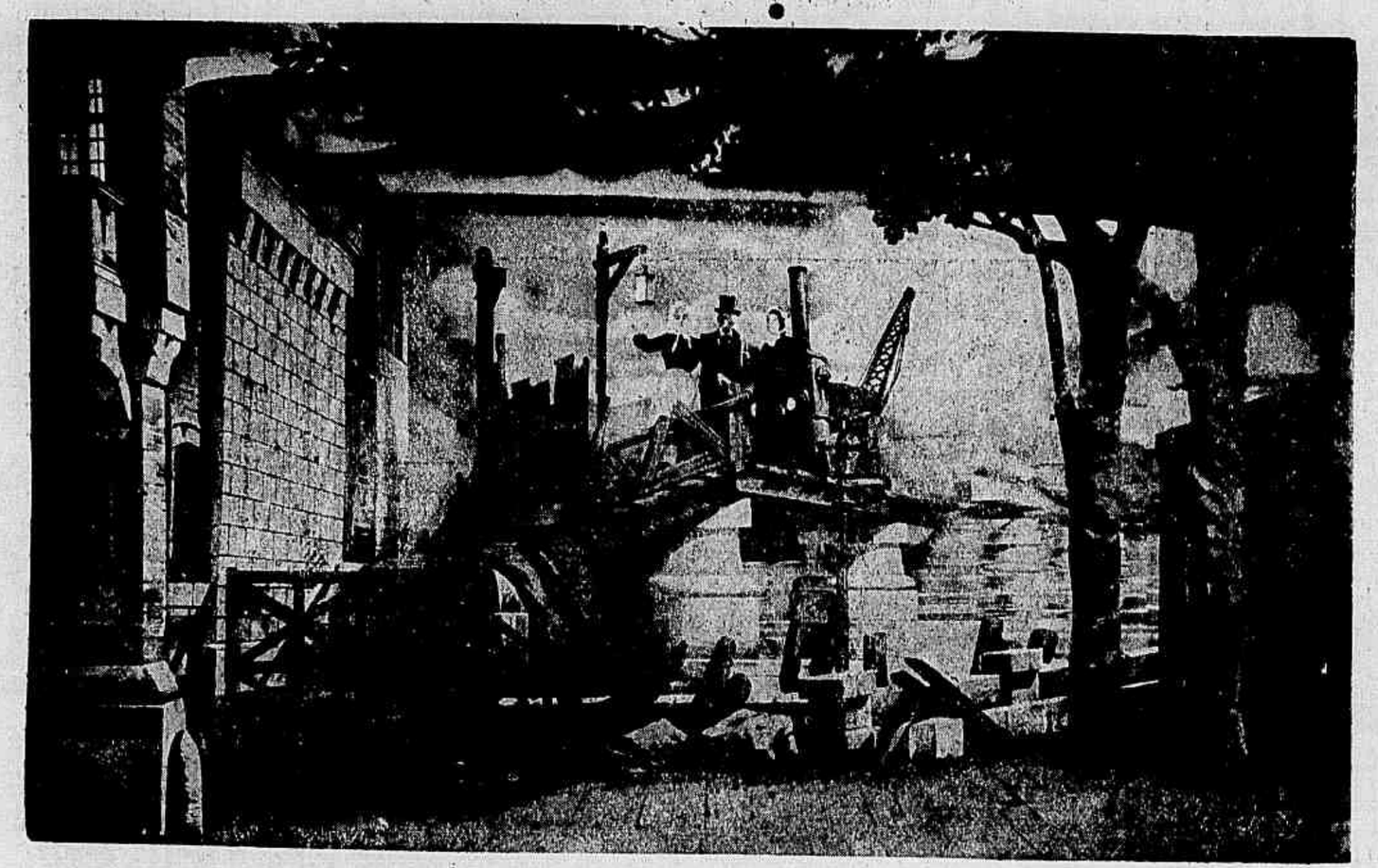
Conduziram-me á egreja, de onde, depois de algumas aspersões de agua benta e um pouco de latim, fui conduzido para o cemiterio.

Estava na cidade eterna! Ao repetir mentalmente essa phrase banal, como um homem que no escuro dá um encontrão no angulo de uma rocha, senti-me abalado por um desespero insano! Morto! enterrado! perdido!

E senti que desciam o caixão para o fundo da cova.

A actriz-cantora portugueza d. Aurelia dos Santos, que realiza a sua festa artistica no Theatro Apollo, a 17 do corrente.

E depois cada um de meus amigos atirou um punhado de terra, que cahia sobre o caixão com um som cavo de tambor: ruf! ruf!



THEATRO RECREIO DRAMATICO — Scena da ponte no 8º quadro do drama a *Tocadora de Realejo*, actualmente em scena neste theatro.

O meu desespero attingiu as raias da loucura:

— Morto! morto! morto!

.....

Sabem o que é isso, leitores? E' o resultado de uma digestão mal feita.

Sylvio Duarte.

OS THEATROS

Foi pouco favorecida a semana em materia dramatico-theatral — tendo, porém, como compensação tres bellas operas cantadas pela companhia lyrica, a contento geral.

A primeira d'ellas foi a conhecida composição de Boito, *Mefistofele*, a segunda a opera de Verdi a *Traviata*, e a terceira a pagina de lyrismo de Ponchielli a *Gioconda*.

Louvar, criticar ou escolher dentre as tres operas citadas qual a mais bem cantada, a de melhor interpretação, seria trabalho perdido em nossas columnas.

O publico numeroso que assistiu as tres interpretações, demonstrou, á saciedade, que qualquer d'ellas foi levada á scena satisfactoriamente, e os applausos que a platéa não regateou, foi a evidente demonstração de que ella se achava plenamente satisfeita com o trabalho dos artistas da Empreza Milone & C.

Das tres operas cantadas, *Mefistofele*, teve na primeira representação uma execução boa, salientando-se de maneira notavel o tenor Frosini, no papel de Fausto e o baixo Sr. Luigi Lucenti no de Mefistofele.

O Sr. Ottavio Frosini no quarteto do jardim, juntamente com o Sr. Cigada, cantaram as suas partes com tal proficiencia que a platéa bisou aquelle trecho.

Na aria final do epilogo, mereceu tambem prolongados applausos.

O Sr. Luigi Lucenti, quer no prologo quer no correr de toda a opera, obteve sempre os mais merecidos applausos. A sua voz é firme, bem timbrada e profundamente grave. Agradou em toda a linha.

As Sras. Bice Adami e Sofia Parisotto corresponderam á espectativa da imprensa e dos *dilettanti*.

A Sra. Bice Adami teve a seu cargo o desempenho do papel de Margarida. Muito graciosa, dotada de uma voz, que se bem que um pouco fraca, é comtudo agradabillissima, manteve honrosamente o difficil papel que lhe foi confiado. No quarteto do segundo acto e na aria da prisão demonstrou a galante actriz uma boa escola e um perfeito conhecimento da scena. Foi muito e merecidamente applaudida.

A' Sra. Sofia Parisotto coube o papel da Martha, no qual coadjuvou valentemente os seus companheiros, salientando-se bastante no quarteto do 4º acto.

Córos e orchestra regidos pelo Sr. Bovi, continuaram a ter a afinação da estréa.

Scenarios e guarda-roupa luxuosos.

* * *

A segunda opera, *A Traviata*, a formosa producção de Verdi, onde as notas maviosas vêm sentimental e profundamente emocionar os corações, onde a poesia é sentida na sua mais lata concepção, teve um desempenho admiravel pelos artistas. Linda Brambilla, Frosini e Taurino Parvis.

A principal protogonista da peça Linda Brambilla, no difficil papel de *Violetta Valery*, lhe deu tal brilho que *una voce*, a platéa applaudiu-a delirantemente.

A difficuldade do papel é, sem duvida, grande, pois reune uma dupla interpretação: a da parte cantante e a da parte dramatica. Quer numa quer noutra parte a artista revelou-se conhecedora abalisada de ambas. Em resumo, soube interpretar lyrica e dramaticamente a *Violetta* de Verdi, que não é outra cousa mais que a apaixonada creação de Dumas, Margarida Gauthier (a Dama das Camelias).

Salientou-se, e disto precisa a *Revista da Semana*, algo dizer, na bella cavattina *Sempre libera*, no duetto com o barytono e no duetto do baile com o tenor que enlevou a platéa fazendo-a palpitar de emoção.

Ao Sr. Frosini é escusado tecer elogios; firmou brilhantemente os seus creditos principalmente no duetto com *Violetta*.

O Sr. Taurino Parvis, *Germont*, é bom artista, muito agradou. Como voz de barytono, encanta.

Córos e orchestra offereceram occasião a mais uma vez ser victoriado o maestro regente, Sr. Bovi.

* * *

A terceira foi a harmoniosa producção de Ponchielli, a *Gioconda*. A execução d'esta opera foi um verdadeiro desastre para a empreza, que por pouco não viu prejudicado todo o credito da companhia. Com excepção da artista Eleonora Cisneros e do baixo T. Montico, todos os demais artistas foram infelicissimos.

A Sra. Citti Lippi e o tenor A. Cecchi cantaram, ou antes quasi recitaram as suas partes, aquella no papel de *Gioconda* e este no de *Enzo*, e de tal modo o fizeram que prejudicaram bastante as sras. Cisneros e Parisotto, que ficaram sem nada poder fazer. Valeu-lhes isto uma manifestação de desagrado do theatro em peso no 4º acto, que foi pelo publico interrompido na metade.

O Sr. Cigada, barytono gritou demasiado, havendo no theatro commentarios pouco favoraveis e quasi perdeu os applausos que merecidamente lhe foram dados na Aida. Não obstante foi algo applaudido no 4º acto, e isto para talvez salientar que o insuccesso da noite não foi devido a sua pessoa.

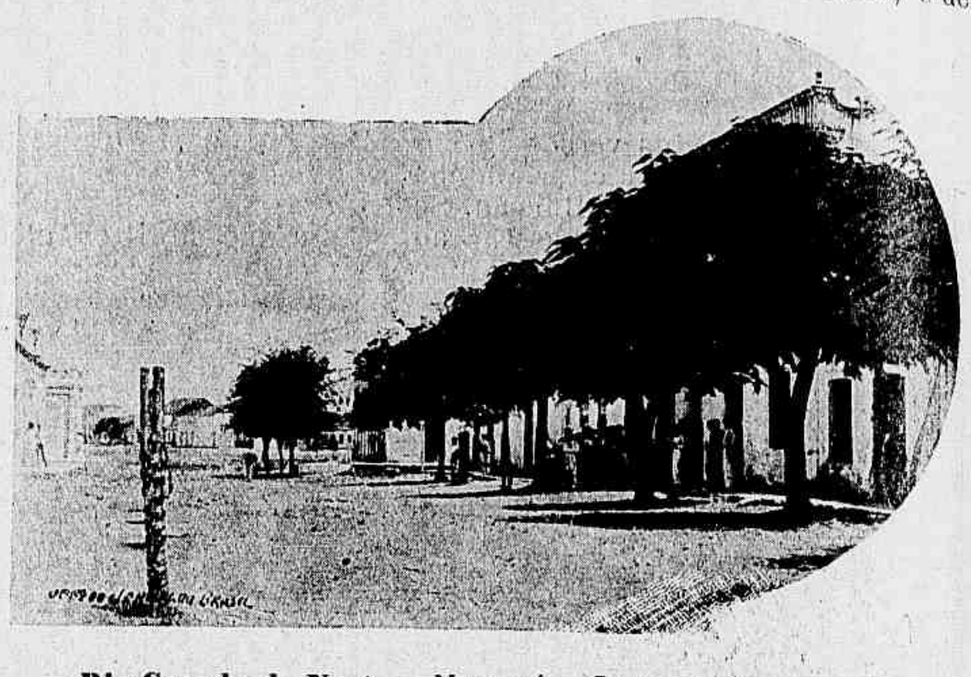
Registremos, pois, desse modo o desagrado da platéa pela representação da *Gioconda*.

* * *

No theatro Recreio Dramatico o emocionante drama *A Tocadora de Realejo* tem feito as delicias dos *habitués*. E, com effeito, bem merecidos são os applausos que o publico dá aos artistas da Companhia Dias Braga. Qual d'elles mais os mereça, seria difficil distinguir. O conjunto de toda a *mise-en-scéne*, que, por signal, é como bem poucas vezes temos apreciado em peças congeneres, está tão bem delineado, que o publico quedase extatico e deslumbrado a applaudir todos e tudo.

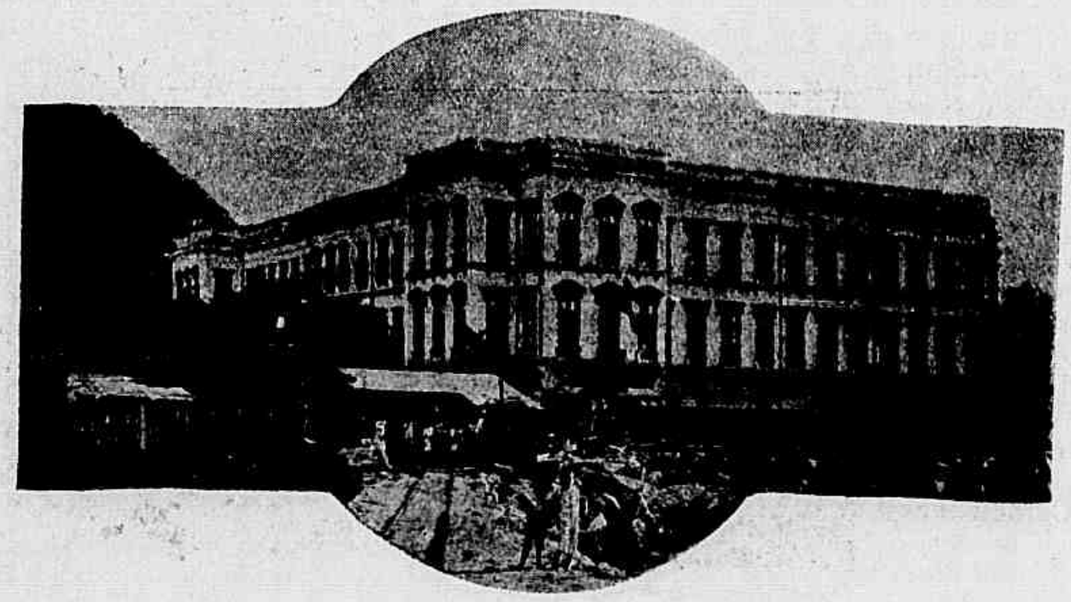
E são bem merecidos os louvores que lhes tecem todos.

A *Revista da Semana* publica hoje um dos bons quadros do drama, reservando para o proximo numero um logarzinho para todos os que mais interessam na execução da peça. Não salientaremos, portanto, a ninguem n'este artiguinho, comtudo, aos artistas, um punhado de flores enviamos a todos por intermedio de Lucilia Peres, a creadora do papel de *Martha*, uma criança amorosa e ingenua a quem a sorte não regatea torturas, e no qual ella se incarna, pondo a sua disposição toda a sua alma de



Rio Grande do Norte — Mossoró — Praça Seis de Janeiro (Phot. Oliveira)

Actor Eduardo Leite



Fachada do Instituto Benjamin Constant

artista, empolgando e emocinando a platéa.

* * *

No *Apollo* a primeira do *Substituto*. Muito boa casa; execução como sabe dar a companhia Souza Bastos. Palmyra alcançou os mais francos bravos.

Deste vaudeville ainda nos occuparemos. A musica nos tirou todo o espaço. Tenham um pouco de paciencia. E' tão raro boa musica no Rio de Janeiro!

* * *

A festa artistica do actor Rangel no theatro *Apollo* com a peça *Zazá*, foi uma das mais attrahentes que a semana forneceu aos que se dedicam á arte dramatica.

Nada ali faltou; a animação da platéa esteve verdadeiramente fóra do commum. A peça, como sempre, bem representada.

* * *

No *Parque Fluminense* a companhia Sconamiglio continúa com boas casas.

Deu-nos uma boa *D. Juanita*, uma bem cantada *Filha de Mme. Angot*, *Fanfan la Tullipe* e os *Mosqueteiros*.

Teremos ensejo no proximo numero para mais detalhada apreciação.

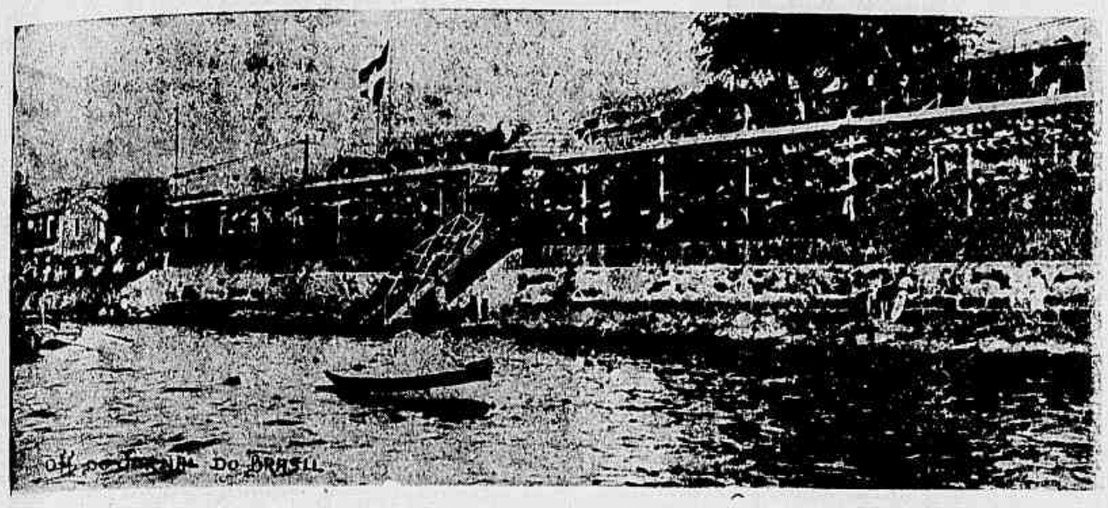
* * *

O *Casino Nacional* com a nova *troupe* tem tido successivas enchentes. Devem estar satisfeitos os seus emprezarios.

* * *

E com esta, fechemos. Já vae um pouco longa, mas as gentis leitoras e os nossos leitores nos perdoarão, com certeza, quando virem no proximo numero da *Revista* o nosso agradecimento por esta massada.

F.



A Regata do Campeonato — Vista Geral das Archibancadas pelo lado do mar.

CARTAS DE UM TABARÉO

Rio, 2ª semana de Agosto.

Caro Compadre

Que saudades tenho tido de ti, da comadre e dos pirralhos.

E' esta a 5ª carta que te escrevo. As quatro outras confiei-as ao Correio, mas, pelo teu silencio, convenço-me de que se tenham extraviado...

Ora, o Correio, meu compadre, é e será sempre o Correio.

Para evitar duvidas, desvios, atrazos e mil cousas a que estão sujeitas as cartas postadas, escrevo-te pela *Revista da Semana*, a menina dos olhos do popularissimo *Jornal do Brasil*.

Acredito que desta feita terás noticias minhas...

Um jornal não se some com a mesma facilidade que uma simples carta de pobre tabaréo, que é muito homem, valha a verdade, de estropiar o subscripto, atropellado como anda, neste *mare magnum*, que se chama Capital Federal.

* * *

E por fallar nisso, seu compadre, não imaginas o *fervet opus* em que andam todos a proposito da tal batalha de flores...

Confesso que estou ancioso pelo grande dia...

Que será uma batalha de flores?

Este Rio de Janeiro está damnado de novidades; até parece Paris, mal comparando. Sim, digo mal comparando, porque aqui tenho me visto e desejado com tanta cousa extraordinaria: calcula tu, compadre dos meus peccados, se me encontro em Paris, abarbado com os *franciú*, eu que, de francez *nicles*...

Mas, voltando á Batalha, devo-te dizer que vae ser uma festa de arromba, a julgar pelos preparativos. Calcula tu, que vi ha dias um sujeito puxar uma pelega de duzentos para pagar o aluguel do carro em que pretende figurar no tal combate.

Duzentos mil réis, seu compadre, pelo carro, só o carro. Põe agora o molho, quero dizer os enfeites e mais isto, mais aquillo e somma...

O que te posso garantir é que a batalha de flores vae ser o S. Martinho dos cocheiros e dos floristas;— matam o boi, como costumas dizer quando o freguez se enche.

E ninguem geme; todos, mais ou menos, vão desapertando os cordões á bolsa, despejando o pé de meia, porque um dia não são dias...

Não obstante, sou dos que pensam que mais vale um gosto que quatro vintens e que quem tem seu vintem bebe logo.

A vida será porventura a que levas nesse matto, onde estou vendo a hora e o instante em que te transformas em mono, a comadre em macaca e os filhos em macaquinhos?

A prova do que te digo aqui a tens: o iniciador da folia foi o nosso prefeito, o homem mais occupado e preoccupado deste mundo.

Para te dar idéa do que é este homem, basta dizer-te que elle tem feito derrubar mais casas que de arvores tens abatido para lenha.

Em todo caso, penso que o intuito do prefeito é fazer com que dos destroços da batalha de flores surja uma cidade como elle a imagina. Se não é isso não valia a pena batalhar.

Emfim, o que fôr soará...

* * *

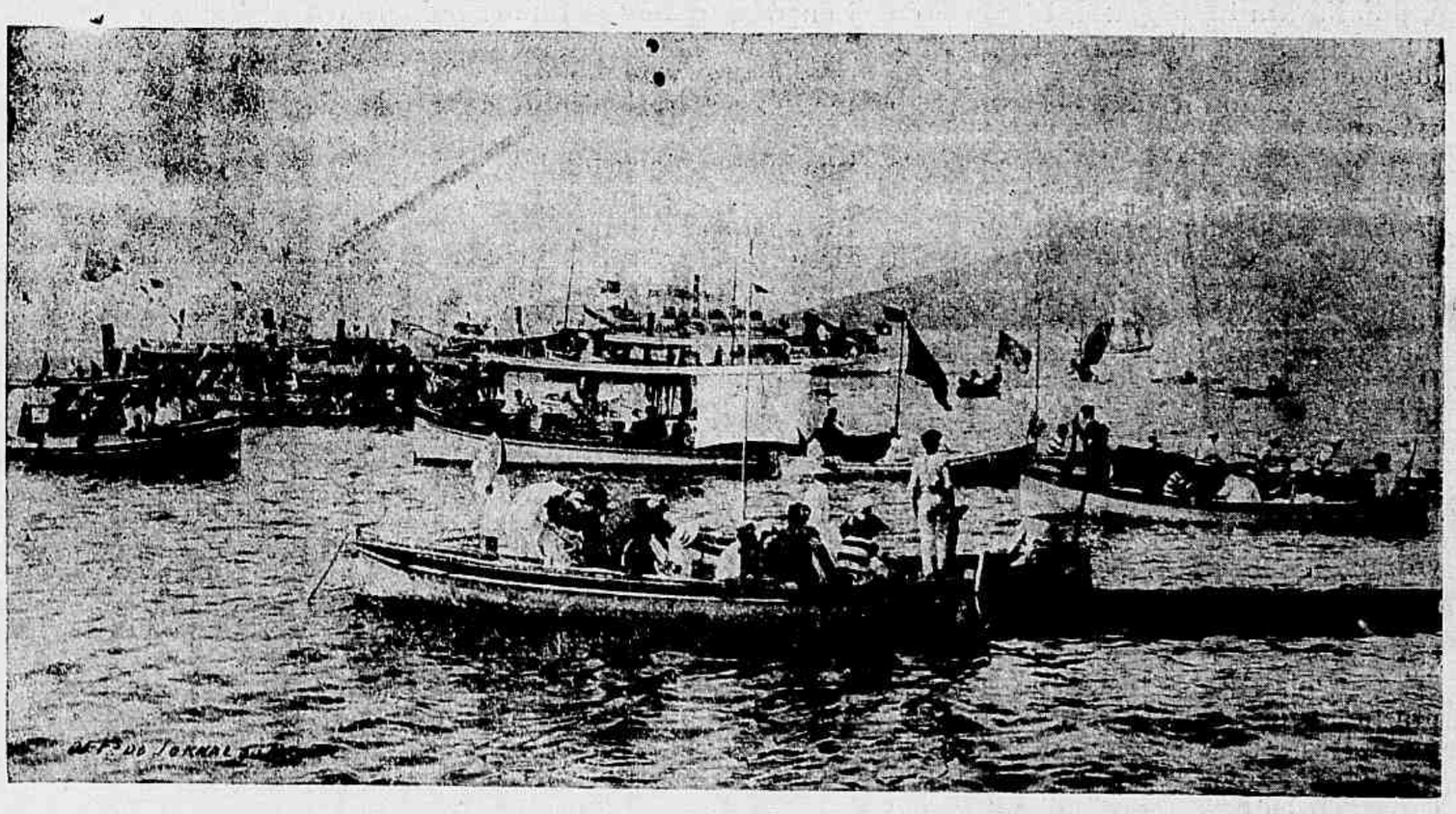
Saudades a ti e á comadre.

Beijos aos pequenos.

Do sempre teu

Bermudes.

Joaquim Thomaz do Amaral
Visconde de Cabo Frio



Regata do Campeonato — Aspecto geral da enseada de Botafogo.

A Regata do Campeonato—Chegada do 2º pareo — *Seniors* — Yoles a 4 remos — *Albatroz* em 1º logar

CANÇÃO DO ABYSMO

(FRAGMENTO ARTISTICO)

Sons de Campanarios!...

Monodias nostalgicas de Almas!... Torturas doentias filhas da Nevrose!...

Pelos céos em fóra ha rumores estranhos de guantes de aço, luminosos, de gladios cruzados em lutas homericas!...

Nos beiraes das casas cantam os sabiás, contristadoramente, mysteriosamente, lembrando funeraes de corações vasios que passam na longa Estrada, coberta de Urzes, polvilhada de Pesadelos!...

Inundando de luz, em sonhos de crystal, auriferos, geniaes, o sol— Eterno Conselheiro— vibra, por toda a parte, em grandes sensações, o organismo estupendo do Trabalho Universal!...

.....

Ha risos mordentes, risos punhaes nas boccas esgarçadas da burguezia, conscia do *Eu*, descuidosa e feliz na faina hypocrita e fingida de buscar o Pão!...

.....

Immaculadas donzellas que têm no olhar vibrações de diamantes profundamente negros e na bocca jaspeas harmonias lembrando, assim, o gosto e a côr das cousas raras, arrastam, á fimbria dos vestidos, milhares de Almas, simples, credulas de tudo!...

.....

E vejo tudo isso, e penso!...

Essa multidão que passa no vaevem de uma vida subjectiva e egoistica, ostentando aquillo que não sente, fingindo sentir o que não póde, causa-me Tedio, tortura-me o Cerebro!...

Se, então, abrir pudesse o Pensamento, mostrar-vos-ia o que se passa no vacuo, desolador, immenso de minh'alma!...

Louca Humanidade! O Nirvana é infinito, e terás que atravessal-o, eternamente!...

.....

C. Marques Leite.

SPORT

DERBY-CLUB

Será deslumbrante a festa de hoje e assumirá proporções de grande solemnidade.

Serão disputados os grandes premios Derby-Club e Rio de Janeiro.

A magnifica reunião será abrilhantada com a presença do sr. presidente da Republica, ministerio e corpo diplomatico.

Os nossos palpites são os seguintes:

Ouvidor—Brinquedo.
Leader—Argelia.
Galopim—Tymbira.
Pergaminho—Liberal.
Sottéa—Cangussú.
Severo—Quito.
Gravatahy—Iguariaçá.

AZARES

Castanha, Tamoyo, Graciosa, Seccion, Nickel, Quito e Cambyse.

O SETE MORTES

Eram dez horas da noite.

Na salinha do Hotel do Leite, em São Manoel, jogava-se o solo.

Jogava-se e discutia-se.

Sapos e jogadores eram todos caixeiros viajantes — *cometas* — como lá se diz.

Versava a discussão, sobre a personalidade, um tanto fantastica do *Sete-Mortes*, o audaz e famoso salteador, que, com as suas façanhas incriveis, amedrontava o bom e credulo povo d'aquellas redondezas.

Rio Grande do Norte—Mossoró—Rua das Flores (Phot. Oliveira)

Fallavam todos, excepto o Corrêa que só prestava attenção ao jogo, que lhe corria cabuloso.

— E' como lhes digo—explicava o Magalhães, na sua voz fanhosa e arrastada como o chiar de um carro de bois—encontrei d'uma feita o *Sete-Mortes* na estrada. Ia eu para os Campos-Novos. O camarada mostrou-m'o, cheio de susto. Montava elle um cavallo gateado de frente aberta. Tirou-me o chapéo, cortejei-o, mas sabe Deus com que vontade de me sumir pela terra abaixo...

— Manilha de copas, para ouros, interrompeu o Mascarenhas, um dos jogadores.

E arriando o jogo, accrescentou voltando-se para o Magalhães:

— E não te fez nada o pandego?

A um gesto negativo do outro continuou:

— Pois olha que sempre tens muita sorte. Ao Domingues das roupas feitas, prégou o *Sete* um tal susto que ainda hoje o faz tremer. Se o rapaz não estivesse montado na *Ruana* do Caldeira, que vôa quando se lhe calcam as esporas, se não é isso, estava elle frito.

D'um dos cantos da mesa, o Silva —um lourinho—que até então estivera a sapear calado, mostrando conformar-se com o dictado, *sapo de fóra não chia*—o Silva tirando do bolso um Smith-Wesson, disse com arrogancia:

Pois eu vou amanhã a Lençóes e tinha muita, mas muita vontade, de encontrar o tal das *Sete Mortes*, para o cumprimentar com uma destas—e mostrava as balas que tirara do cylindro do revolver.

— Ora vocês não estão vendo só a prosa deste menino, que nem sabe por que lado se monta um burro?! Imaginem que este pandego foi hontem commigo á Apparecida e voltou delá escachado. E é elle que quer topar na estrada o *Sete Mortes!*

Isso foi dito pelo Coutinho—um velhusco murrado e secco—o decano dos *cometas* presentes.

— E não me desdigo—retorquiu o Silva. Amanhã vaes commigo a Lençóes, não é Coutinho? Pois pede a Deus que nos faça encontrar o papão do *Sete*, e veremos quem terá mais medo: se o Coutinho com os seus vinte annos de viagem ou eu que sou marinheiro de primeira...

—.... E que por signal ainda não foi *baptisado* — atalhou o Corrêa sahindo do mutismo em que se conservara até então.

E a conversa continuou no mesmo tom, por algum tempo ainda, até que findou o jogo.

O Magalhães foi o ultimo a sahir da sala, e, ao passar pela porta do quarto do Silva, gritou para dentro, fanhosamente:

— Cuidado com o *Sete!* commigo é nove—redarquiu sempre fanfarrão o Silva.

* * *

Pela larga estrada barrenta, que ramalhudas arvores frondosas sombreiam, ao trote miudo das bestas nedias e vigorosas, seguiam, fumando compridos cigarros caipiras, o Silva e o Coutinho.

Diante d'elles, trotava a tropa d'este ultimo, guiada pelo sincerro de latão da madrinha, e chotada pelo camarada a grandes gritos e estalos de chicote.

— O' Coutinho—disse de repente o Silva—preciso parar um pouco. Vae indo de vagar que já te alcanço.

— Pois sim; mas abre o olho com o *Sete Mortes* — chasque ou o outro.

E já distante gritou ainda ao Silva, que apeara:

— Vê lá, não mettas as esporas na *Juanita*, que ella te ferra um tombo.

* * *

Algum tempo depois tornava o Silva a montar e dispunha-se a dar uma galopada, quando ouviu, atraz de si, um tanto longe ainda, o tropel de um animal á disparada.

Quiz olhar para traz, mas teve receio de ver vir ao seu alcance o *Sete Mortes*, a todo o galope do seu gateado de frente aberta.

Cheio de um pavor enorme, esquecendo a previdente recommendação do companheiro, enterrou nervosamente as esporas no ventre da *Juanita*, que, encabritando-se, logo ao primeiro corcovo o atirou de ventas sobre o barro vermelho da estrada, e lá partiu, n'um trote rasgado, a voltar a cabeça para uma e outra banda.

Atordoado, mais pelo medo que pela queda, ouvindo cada vez mais perto o sinistro tropel, o Silva, cambaleando como um ebrio, enfiou pelo matto dentro e foi agachar-se por detraz do tronco enorme de um jatobá gigantesco.

Tremendo como varas verdes, os cabellos eriçados, o nosso heróe ouviu aproximar-se mais e mais o barulho do animal, que elle juraria ser o gateado do *Sete Mortes*...

E viu passar aos galões e aos coices, desembestado, pela estrada a fóra... um garrote tresmalhado, que alguma vespa cruel, picara com o seu agudo ferrão.

B. C.

Bronchial — Duzia 24$000 — Vidro 2$500 — Deposito geral: Pharmacia e Drogaria Silva Irmãos. Rua Primeiro de Março, 25

S. Paulo—S. João da Boa Vista—Avenida D. Gertrudes.

OS CANARIOS

São dous os meus canarios.

Vieram construir o seu ninho aqui para perto de mim, um mez atraz, quando os campos se vestiram de flores, e elles, os canarios, festejavam as suas nupcias talvez...

Vejo-os todas as manhãs.

O sol nasce e elles vêm com o sol de lá das bandas da aurora, ruflando as azas, alacremente, trinando.

Levanto-me e vou vel-os.

E elles, lá estão, posados nos verdes ramos da velha arvore frondente, alacres, contentissimos, ostentando garbosamenle ao sol a plumagem dourada, a trillar amorosos, entre beijos e caricias.

Amam-se: são felizes...

Tenho inveja d'elles porque se amam.

E elles divertem-se a zombar de mim, tenho a certeza! Porque, sempre que me vêm, têm alguma cousa para segredarem ao ouvido em orgeios quasi inaudiveis? Porque, sempre que me vêm, arrulham mais amorosos, mais ternos e beijam-se cada vez mais? —pergunto a mim mesmo mentalmente.

Dr. Manoel Dantas, redactor-chefe do *Republica* de Natal — Rio Grande do Norte

E o coração, commovido, responde baixinho, cá de dentro do peito, com medo de ser ouvido:

— Pois não vês? Não comprehendes?

Zombam de ti porque se amam reciprocamente e tu amas sem esperança; zombam de ti porque o teu amor, coitado! não tem essa reciprocidade de affectos, de ternuras, de carinhos que tem o amor dellas, as garrulas aves...

Raymundo Magalhães.

ANHELO

Alma, tudo soffreste heroicamente:
Mas, si um dia, ficares
Sem o teu Ideal — o derradeiro —
Nada custa voares!

Ha tanta luz, além, pelo Infinito,
E aqui, trevas somente...
E tu, etherea gaze luminosa,
Na sombra estás contente?

Já bastante lutaste e padeceste,
Paladina invencivel
Tregoas á dor, á lagrima de fogo,
Ao Sonho, ao Impossivel!

Alma soffredora e combalida,
Abre as azas de luz...
E, qual aguia divina, te remontes,
Ao ninho roseo e calmo de Jesus!

Fevereiro, 1903.

Zilda Gama.

Recebemos:

A Illustração Brasileira, revista quinzenal que se publica em S. Paulo. Bem impressa e linda, photogravuras feitas em Leipzig, de vistas brasileiras.

La Lira Chilena, jornal hebdomadario illustrado, que se publica no Chile. Bellas paginas lithographicas e bom texto.

Agradecemos.

Affirmam os bons doutores,
Todos, que a voz é geral,
« Para asthma, caros senhores
Tomem apenas BRONCHIAL! »

Rio Grande do Norte — Mossoró — Praça do Mercado (Phot. Oliveira)

S. Paulo — S. João da Boa Vista—Largo da Estação.

Poder do ouro

Ao cahir de uma tarde invernosa, uma linda camponeza estava sentada á porta de sua pequena choupana. Trajava uma veste pobre, estava descalça.

Seus olhos, de um preto deslumbrante, dirigiam-se para um ponto unico da estrada e seus cabellos, de longos e negros cachos, brincavam em sua fronte, movidos pela leve viração que naquella hora corria.

Vindo de outro lado, aproximou-se della um rico fidalgo, sem que o visse a joven aldeã.

— Que fazes, bella camponeza? — perguntou o moço, acercando-se della.

Surprehendida assim, á linda mocinha voltou-se bruscamente e, escondendo os pesinhos brancos, respondeu com meiguice, a sorrir:

— Que faço eu? Eu espero meu noivo, que ha de vir daqui a pouco.

— E's noiva então? — retorquiu o moço.

— Sim, fidalgo, ha muito que o sou.

— Si ha muito tempo, porque não te casaste ainda, amavel aldeã?

— Eu não me casei... oh! eu não me casei porque meu noivo é pobre e não tem uma casinha, nem com que me mate a fome.

— Pois tu, adoravel camponeza, linda como és, porque não procuras outro noivo?

— Eu amo o meu noivo, não quero ser de outro.

— Mas não ambicionas a vida de cidade, mais commoda e menos trabalhosa como é?

— Ah! si eu a tivesse...

— Está em tuas mãos, linda menina. Podes, desde que te resolvas, viver num palacio, ter vestidos caros, sapatinhos finos e custosas joias.

— Mas si meu noivo é tão pobre!...

— Que te importa isso?

Deixa-o; eu te darei de tudo: far-te-ei rica.

— Ah! fidalgo, não falles assim...

— Si te vejo tão pobre e te posso fazer feliz...

— Acceita-me então para mulher?

— Viverás commigo, serás minha...

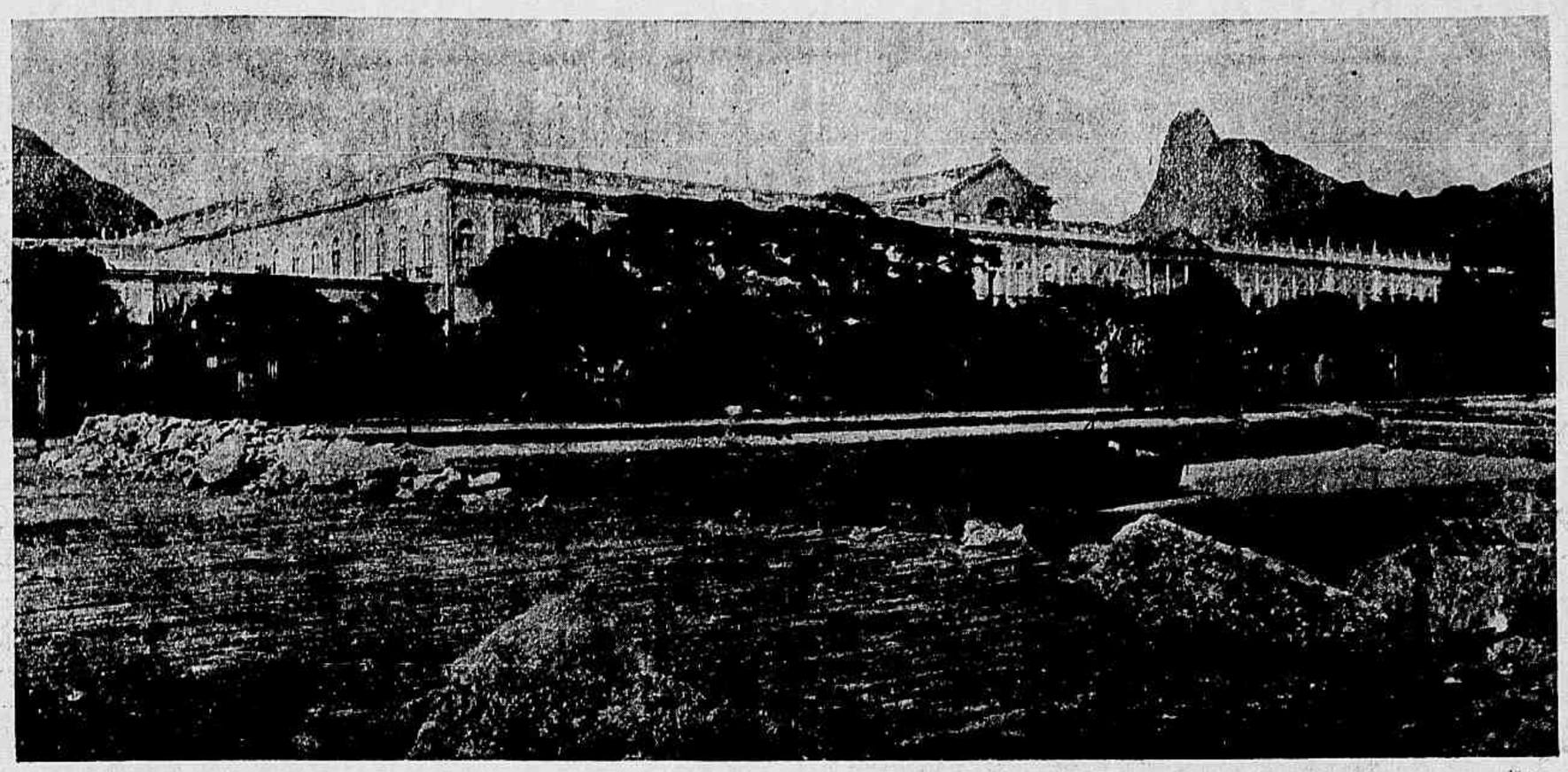
E onde moras, fidalgo?

— Perto, num palacio á entrada da cidade. No palacio que foi do conde, meu finado pae.

— Sou tua então, querido fidalgo. Leva-me; amo-te, amo-te já loucamente!...

E pela estrada em fóra o fidalgo e a camponeza caminharam alegremente, ao tempo em que as primeiras nuvens da noite encobriam a claridade crepuscular.

Fausto Maldonado.



Vista geral do Hospicio Nacional de Alienados.

Grupo tirado á porta do Instituto Benjamin Constant, composto dos srs. ministro do Interior, director do estabelecimento, membros da commissão de orçamento da Camara dos Deputados e representantes da imprensa.

O Moreira esteve á morte
Com asthma, mas afinal
Curou-se, está gordo e forte,
Porque tomou o BRONCHIAL.

Curiosidades

O numero de linguas que se falla na Europa eleva-se a 587; na Asia a 937; na Africa a 276; na America a 1.264. Ao todo tres mil e sessenta e quatro linguas!

— O seculo XX, em que estamos, comprehenderá o maior numero de annos bisextos que um seculo possa contar, isto é, vinte e cinco, desde 1904 até 2.000. Em compensação o mez de Fevereiro não terá cinco domingos senão tres vezes: em 1920, 1948 e 1976. O anno de 2.000 será bisexto. Como se sabe o de 1900 não o foi.

— Todos os peixes, em geral, augmentam continuamente de tamanho até morrerem.

— A duração da vida humana no decurso do seculo XVI era, em termo medio, de 18 a 20 annos, não mais.

Altar-mór da Capella do Hospicio Nacional de Alienados.

PEQUENOS ANNUNCIOS

MEDICOS

Dr. Caetano da Silva, allopatha, cirurgião e parteiro, consultas á rua Gonçalves Dias n. 3, sobrado, das 3 ás 4 da tarde; residencia á rua 24 de Maio n. 76. (1

Molestias da pelle e das crianças—Dr. Moncorvo rua Sete de Setembro n. 46, das 2 ás 3 horas. (2

CASAS ESPECIAES

Alfaiataria Barra do Rio—Todo o freguez que fizer a despeza de 10$000, receberá um cartão numerado com direito a duas ou mais Apolices do Emprestimo Municipal, que serão sorteadas com a grande loteria do Natal a extrahir-se em dezembro proximo. 146 A rua Sete de Setembro. (3

A «Rotisserie Americaine» é um restaurante de primeira ordem. Cozinha excellente, enorme variedade de superiores vinhos; rua Gonçalves Dias n. 50. (4

Aos Dous Mundos — A's exmas. senhoras que precisarem comprar capas, paletots, jaquetas e outros artigos de inverno, convida-se a visitarem este estabelecimento, que se recommenda pela variedade e modicidade de preços. Rua do Theatro 31. (5

A todos convem saber que a joalheria da rua Gonçalves Dias n. 23, vende mais barato. (6

Assombroso!!!—O maior e mais selecto sortimento de chapéos de cabeça, guarda-chuva e bengalas; venda extraordinaria, sem precedente, na chapelaria Colosso, de R. S. Vargas, rua Sete de Setembro 110, esquina da travessa de S. Francisco de Paula. (7

A' Fluminense, rua Luiz de Camões 8, ponto dos bonds de S. Christovão.—Grande deposito de calçados para todos os gostos. Preços baratissimos.—ANSELMO PATRICIO & C. (8

Atelier artistico do JORNAL DO BRASIL e da REVISTA DA SEMANA—Neste atelier caprichosamente montado, a cargo dos conhecidos artistas, Julião Machado, Amaro do Amaral, Arthur Lucas e Placido Isasi, executam-se todos os trabalhos concernentes, por mais difficeis e luxuosos que sejam. (10

Bombeiro hydraulico — Eugenio de Castro, apparelhador de gaz—Encarrega-se de encanamentos, esgoto e agua, calhas de cobre, folhas de zinco, etc. etc. Tendo grande sortimento de banheiras, lavatorios, latrinas e mais objectos pertencentes a este ramo de negocio—103 rua do Lavradio 103, Rio de Janeiro. (11

Casa Cavanellas—Grande e variado sortimento de leques, luvas, mitaines, perfumarias, meias, lenços e objectos de fantasia proprios para presentes; 148 rua do Ouvidor. (13

Cerveja Ritter—Agente, A. Clausen.—Rua dos Ourives n. 20. (12

Casa Bertéa—Fabrica de chapéos de sol, especialidade em artigos para fabricar chapéos de sol e bengalas, concertos afiançados, rua Sete de Setembro n. 98, Rio de Janeiro. (14

Charutos Poock & C. — Agente A. Clausen — Ourives 20. (15

Chocolate Andaluza—E' incontestavelmente o chocolate mais querido por seu sabor delicioso e por sua superioridade—19, rua dos Andradas 19. (16

Emprestimos sobre ouro, prata e brilhantes, nas quantias avultadas 1 % ao mez.—Rocha & Farrulla, rua Sete de Setembro 173. (17

Officinas graphicas do JORNAL DO BRASIL e da REVISTA DA SEMANA, rua Gonçalves Dias 54 e 56—Imprimem-se por preços extraordinariamente modicos e com a maior brevidade livros, obras illustradas, catalogos, albuns, jornaes, folhetos, cartazes, gravuras, mappas, musicas, chromos, diplomas, menus, programmas, rotulos, annuncios, cartões, cartas, memoranduns, almanacks, folhetins, folhinhas, etc. (18

Photographo-Bastos Dias, machinas accessorias e productos chimicos especiaes para photographias; retratos e augmento em platinotypia, importação directamente. Rua Gonçalves Dias n. 52 sobrado. (19

Salutaris—a melhor agua de mesa. Agente A. Clausen rua dos Ourives n. 20. (20

Vinhos—Casa especial, preços fixos e marcados, sem competidor; 119 rua Sete de Setembro 119. (21

Modas da Revista — Trajo de visitas

ARMANDO PALACIO VALDÈS

(36)

JOSÉ

(Novellas de costumes maritimos)

VERSÃO DE

CUNHA E COSTA

X

— Em todo o caso não te deu para deitar-te ao mar!

— Pudéra!

— Mas foste beijando as cachopas!

— Em meu juizo perfeito nunca o faria—replicou José com grande convicção.

— Se á hora da morte me puzessem á cabeceira tantos anjinhos como de beijos terás dado na tua vida!

— Irias sozinha para o céo!... commentou o marinheiro, rindo.

O colloquio degenerava em alegre disputa: os amantes embriagavam-se com aquelle chalreio simples, achando tanto chiste no que mutuamente se diziam, que não cessavam de soltar gargalhadas, cujo ruido suffocavam levando a mão á bocca. A noite, escura e chuvosa para os outros, era para elle placida e grata como poucas.

Mas Elisa julgou ouvir outra vez a respiração que antes a assustara. Quedou-se alguns instantes distrahida; e nada querendo dizer a José para que de novo lhe não chamasse medrosa, preferiu recolher-se.

— Já deve ser tarde, José—disse levantando-se. Amanhã tenho que madrugar... demais, estamos ficando como uma sopa!

O marinheiro ergueu-se tambem, Deus sabe com que vontade!

— Que bem se passa o tempo ao teu lado, Elisa!—accrescentou timidamente.

A joven sorriu meigamente, ouvindo aquella declaração, que o marinheiro nunca se atrevera a dirigir-lhe e, um pouco enleada, estendeu-lhe a mão.

— Até amanhã, José.

José pegou nessa mão, estreitou-a terna e demoradamente, e respondeu com melancolia:

— Até amanhã.

Mas foi necessario que Elisa rompesse o encanto, repetindo:

— Até amanhã, José.

Separou-se bruscamente e affastou-se, rapida, em direcção á casa. O marinheiro não se moveu até suppol-a recolhida; logo escalou a cerca, desapparecendo do lado opposto.

Alguns momentos depois, sahia do seu esconderijo o sr. de Meira, molhado até os ossos.

— Pobres rapazes! — exclamou, esquecendo a propria miseria e trepando, a pulso, pela arvore. Uma vez na rua, estugou o passo para o solar vetusto, acariciando na mente um projecto tão nobre quanto singular.

XI

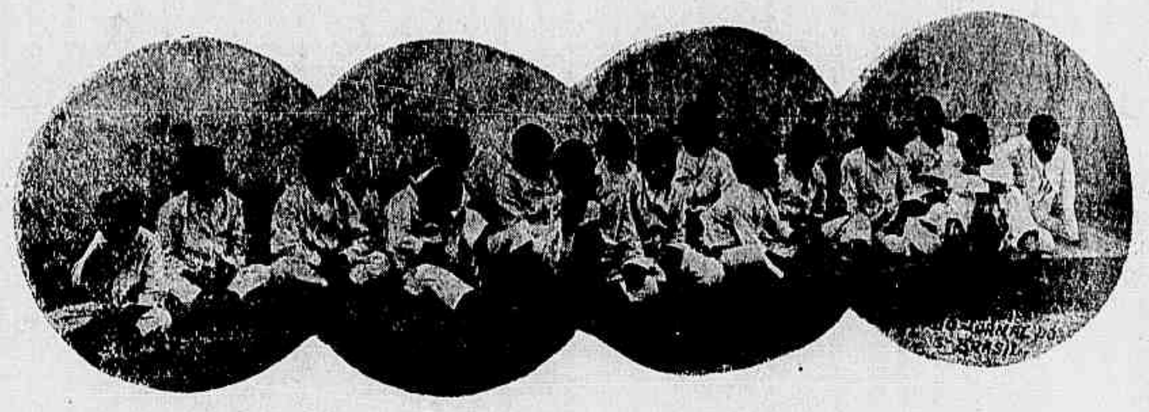
Poucos dias passados, D. Fernando de Meira apresentou-se em casa de José muito cedinho, antes deste se fazer ao mar.

— José, preciso fallar-te em particular, vem dar uma volta commigo.

O marinheiro cuidou que elle viesse pedir lhe soccorro, embora nunca o houvesse feito directamente: quando a fome o apertava, chegava-se a elle e dizia-lhe:

— José: acabou-se o pão á Suiforosa e não quereria tomal-o a outra padeira... Se podesses emprestar-me outra fogaça..

Mas para que tal acontecesse, era mister que o fidalgo se achasse em apuros; do contrario, nem directa nem indirectamente se humilhava a pedir fosse o que fosse. Não obstante, José pensou o contrario porque não era facil pensar outra cousa, e tomando uns magros *cuartos* que possuia, metteu-os no bolso e sahiu para a rua em companhia do ancião.



Grupo de meninos degenerados do Hospicio Nacional de Alienados.

D. Fernando seguiu com elle até fóra do provado, e quando já estavam a certa distancia, cerca da larga praia de areia unida, rompeu o silencio dizendo:

— Vamos lá a saber, José! Tu deves andar um bocadinho apurado de dinheiro não é verdade?

— José pensou que se confirmasse o que elle havia pensado; mas, surprehendeu-o um tanto o tom protector em que o fidalgo lhe fazia aquella pergunta.

— Hum!... Assim, assim, D. Fernando. Não estou muito folgado... mas emquanto se é novo e se pode trabalhar nunca falta um bocado de pão.

— Um bocado de pão é pouco... Nem só de pão vive o homem—commentou sentenciosamente o Sr. de Meira; e depois de caminhar alguns momentos em silencio, parou de repente e encarando com o marinheiro perguntou-lhe:

— Casarias de bom grado com Elisa, não é verdade?

José quedou surprehendido e confuso.

— Eu?... Nada tenho já com Elisa... Todo o mundo o sabe...

— Pois sabe uma grande mentira, porque amas Elisa—affirmou o fidalgo com grande intimativa.

(*Continúa*).

Modas da Revista — Ultima novidade em vestidos

IMPRESSÃO ETERNA

O' paixão infeliz, paixão querida,
O' temporal bravio, ó vaga mansa,
Sê minha morte, tu, que és minha vida

Em face a negridão de que se veste a Noite,
E em ouvindo o tufão, que vibra duro açoite
Sobre o dorso do mar,
Alongo a vista, vejo a treva immensa, e della
Viva luz resurgir com a luz d'uma estrella;
Senhora, é o vosso olhar!

Sinto-o dentro de mim, nas horas de tristeza;
Sinto-o, como a expressão da mais alta belleza
Da celeste doçura...
Entrou-me o coração e faz vibrar minh'alma,
Como o vento, ao passar, a solitaria palma,
E ainda dá-me ventura!

Olhar assim tão vivo e assim tão poderoso,
Deve sempre mirar o céo esplendoroso,
A campina e o rozal...
— Que é que o póde attrahir no pantano do mundo
A não ser outro olhar, penetrante e profundo
E inimigo do mal?

Nesta patria feliz, ou, longe, no estrangeiro,
Vosso olhar será sempre o pallio hospitaleiro
De um novo firmamento,
A cujo resplendor minha existencia um dia,
Ou findará no idyllio ou na triste agonia
Dum triste isolamento...

A' grandeza immortal da esphera constellada,
Ao sidereo fulgor da primavera amada,
E á harmonia do azul,
Contrapõe-se esse olhar, de bondade perenne,
Onde como que canta a irradiação solemne
Do Cruzeiro do Sul!

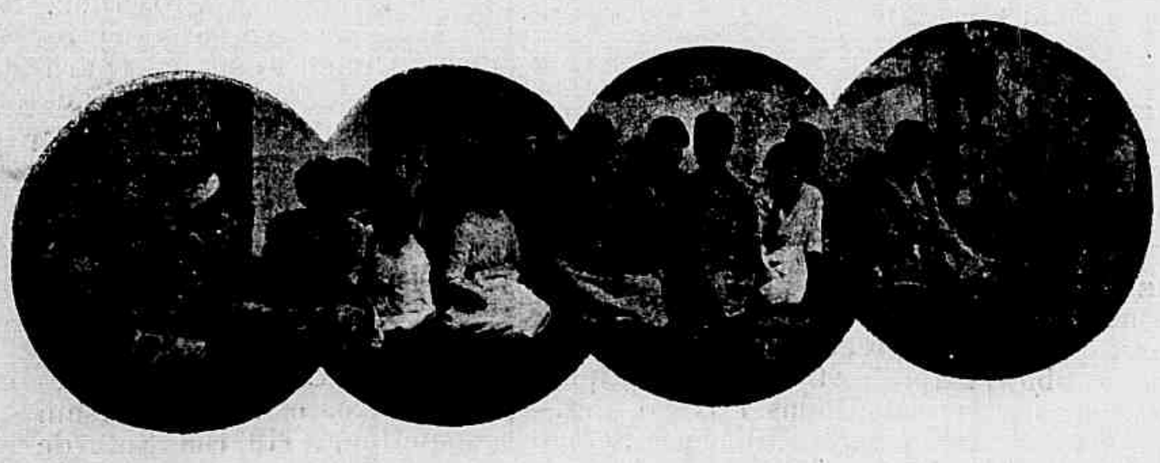
Verte, meigo, a bondade e a ternura infinita,
Que desarma as paixões em tumultuosa grita
E serena os rancores;
Guarda dentro de si, como num vaso santo,
O reflexo do céo, o balsamo do pranto,
E a poesia das flores.

Será possivel, Céos, que d'esse olhar tão lindo,
E tão casto e tão bom e do perdão infindo,
Eu me separe mais?!
— Seja de outrem... Embora! Accendo-o no meu verso,
Para um dia o mostrar aos olhos do Universo,
Em rimas immortaes.

Como não odiar a torpe hypocrisia,
O nefando rancor, a calumnia sombria,
Se guardo em mim a chamma
D'esse olhar idéal,— todo caricia meiga,
Meio drama d'amor, meio sombra de veiga,
Olhar que a estrella inflamma?

Jarbas Loreti.

Manoel Vargem, indigitado autor do assassinato de seu irmão José Vargem. (crime da cancella do Bom Jardim, na noite de 9 do corrente).



Grupo de meninas degeneradas do Hospicio Nacional de Alienados.